

INSTITUTO SUPERIOR MIGUEL TORGA

Escola Superior de Altos Estudos

A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO EM IDADE ESCOLAR:

Perspectivas cruzadas de mães e filhos

Filipa Nunes Vicente Filipe de Oliveira

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, ramo de especialização
em Família e Intervenção Sistémica

Coimbra

2011

A QUALIDADE DA VINCULAÇÃO EM IDADE ESCOLAR:

Perspectivas cruzadas de mães e filhos

Filipa Nunes Vicente Filipe de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao ISMT para obtenção do grau de mestre em
Psicologia Clínica, ramo de especialização em Família e Intervenção Sistémica

Orientador: Prof. Doutor Carlos Farate, Doutor, Professor Associado

Co-orientadora: Doutora Sónia Simões, Professora Assistente

Coimbra, Outubro de 2011

RESUMO

Introdução: A qualidade da vinculação da criança aos pais é fundamental para o seu desenvolvimento sócio-emocional, na medida em que lhe permite explorar o meio envolvente, relacionar-se com outras pessoas e fazer novas aprendizagens. No que respeita ao estudo da vinculação em diferentes tipos de família, a literatura tem indicado que as crianças de famílias nucleares apresentam uma vinculação mais segura em relação às crianças de famílias monoparentais ou reconstituídas.

Objectivo: Este estudo tem por objectivos investigar a qualidade da vinculação em crianças em idade escolar pertencentes a diferentes tipos de família e observar a convergência entre a percepção materna dos comportamentos de vinculação e a representação da qualidade de vinculação por parte das crianças em estudo.

Metodologia: Trata-se de um estudo transversal, cuja amostra é composta por 168 crianças em idade escolar (8-11 anos) e respectivas mães. O protocolo de investigação é constituído por 3 instrumentos: Questionário sócio-demográfico, *Separation Anxiety Test* (SAT) e Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança (PCV-M).

Resultados: Os resultados mostram não haver convergência significativa entre a percepção materna dos comportamentos de vinculação e a representação da vinculação por parte da criança. Somente nas famílias monoparentais são observáveis correlações entre a subescala Comportamento Base Segura do PCV-M ($p=.001$, $p<.01$) e a representação da vinculação da criança medida pelo SAT (seguras: $M=31.614$; inseguras: $M=27.167$). Observam-se diferenças na percepção materna do comportamento de vinculação da criança nos diferentes tipos de família ($p=.022$, $\alpha<.05$) e são as mães de famílias reconstituídas que reconhecem mais dificuldades de auto-regulação emocional nos seus filhos ($M=46.16$). Por fim, o tipo de família não é preditor da qualidade da vinculação da criança ($\chi^2(2) = .485$, $p < .785$).

Conclusão: Os resultados sugerem que a qualidade da vinculação das crianças não varia em função do tipo de família a que pertencem e revelam uma baixa convergência entre as perspectivas de mães e filhos no que respeita à qualidade da vinculação destes.

Palavras-chave: Qualidade da vinculação, crianças em idade escolar, SAT, PCV-M

ABSTRACT

Introduction: The good quality of attachment behavior is a key factor for the child's social and emotional development, since it allows her to explore the environment, relate to others and learn new skills. Moreover the literature suggests that children from nuclear families tend to show a more secure attachment than children from single parent or step families.

Objective: This study has two main goals: investigate the quality of children's attachment behavior across different types of families (nuclear, single parent and step families); observe the convergence between mother's perceptions of their child attachment behavior and children's own representation of the same behaviour.

Methods: This is a cross-sectional study, whose sample consists of 168 school-aged children (8-11 years) and their mothers, who answered the following three instruments: social-demographic questionnaire, SAT and PCV-M.

Results: There is no significant convergence between the maternal perception of their child's attachment behaviour and the child's representation of the same behavior. Nonetheless, in single parent families a significant correlation was found between PCVM's subscale "secure base behaviour" and SAT' "secure attachment" category (secure: $M=31.614$; insecure: $M=27.167$). Differences were also observed in maternal perception across the different types of families ($p=.022$, $\alpha<.05$), namely mothers of step families identify a less degree of emotional self-regulation in their children ($M=46.16$). Finally, type of family doesn't predict children's secure attachment ($\chi^2(2) = .485$, $p < .785$).

Conclusion: The results suggest not only that mother's perception of their child's attachment behaviour doesn't vary across different types of families but also that there is little convergence between mother's perception of secure attachment behavior and school-aged children's representations of the same behavior.

Keywords: Attachment quality, school-aged children, SAT, PCV-M.

Índice

Introdução	1
A perspectiva da teoria da vinculação	2
A vinculação na idade escolar.....	3
Qualidade da vinculação e tipologia familiar	5
Objectivos	9
Metodologia	10
Procedimentos	10
Análise estatística	11
Caracterização da Amostra	12
Instrumentos	12
Questionário Psicossocial.....	12
PCV-M	13
SAT	16
Resultados	19
Convergência entre a representação da vinculação da criança e a percepção materna do comportamento de vinculação dos filhos	19
Representação da vinculação da criança em função do tipo de família	23
Diferenças na percepção materna da vinculação em função do tipo de família.....	23
Discussão	24
Convergência entre a percepção materna do comportamento de vinculação da criança e a representação da vinculação da criança.....	24
Diferenças na qualidade da vinculação da criança em função do tipo de família	25
Diferenças na percepção materna da vinculação em função do tipo de família.....	26
Conclusões	27
Bibliografia	30
Anexos	
Apêndices	

Índice de Tabelas

Tabela 1: Análise da consistência interna do PCV-M (subescalas).....	14
Tabela 2: Análise da consistência interna do PCV-M (subescalas).....	15
Tabela 3: Medidas descritivas das subescalas do PCV-M para cada sub-amostra	16
Tabela 4: Padrões e sub-padrões de vinculação no SAT	17
Tabela 5: Medidas descritivas das escalas do SAT para cada sub-amostra.....	18
Tabela 6: Teste UMW entre a percepção materna do comportamento da criança e a representação da vinculação da criança, por tipo de família	20
Tabela 7: Correlação entre as dimensões do PCV-M e as escalas do SAT, em função do tipo de família	22
Tabela 8: Qualidade da vinculação da criança em função do tipo de família.....	23
Tabela 9: Distribuição dos padrões de vinculação da criança em função do tipo de família ..	23
Tabela 10: Análise da variância da percepção da mãe sobre o comportamento de vinculação da criança em função do tipo de família	24

Introdução

A família pode ser definida “um conjunto de elementos ligados por um conjunto de relações, em contínua relação com o exterior, que mantém o seu equilíbrio ao longo de um processo de desenvolvimento percorrido através de estádios de evolução diversificados” (Sampaio e Gameiro, 1985 cit. Alarcão, 2002, p. 39). Apesar de, na nossa sociedade, associarmos o conceito de família à estrutura nuclear, constituída por um casal e seus filhos, assiste-se a um crescente número de outros tipos de famílias. As famílias reconstituídas caracterizam-se sobretudo por incluírem elementos que já fizeram parte de outras famílias, na sequência de uma viuvez, divórcio ou monoparentalidade. Em qualquer caso, é necessário fazer o luto pela família que se perdeu, aceitar os novos elementos e construir novas dinâmicas familiares. Nas famílias monoparentais, por razões diversas, o agregado familiar inclui apenas um progenitor. A sobrecarga e *stress* parental, o estigma social, o conflito entre os progenitores, a falta ou ausência de um dos pais são, entre outras, algumas das dificuldades que estas famílias enfrentam. Não obstante as características dos diversos tipos de família, cada família deve ser vista “como um todo, como uma emergência dos seus elementos, o que a torna una e única” (Alarcão, 2002).

É no seio familiar que fazemos as primeiras aprendizagens e adquirimos as ferramentas para viver em sociedade, daí que a qualidade da relação com os pais se vá reflectir nas relações interpessoais ao longo da vida (Booth-LaForce, Rubin, Rose-Krasnor & Burgess, 2005; Verschueren & Marcoen, 2005). Todavia, o período escolar tem sido negligenciado, no que diz respeito à compreensão da relação de vinculação (Richardson, 2005; Raikes & Thompson, 2005). O *Handbook of Attachment* (1999), por exemplo, não dedica nenhum capítulo a esta etapa do desenvolvimento. Todavia, os anos que medeiam a primeira infância e a adolescência são cruciais no desenvolvimento global da criança, pelo que o estudo da vinculação nesta idade é fundamental para compreender a sua evolução futura (Rios, 2006).

A perspectiva da teoria da vinculação

A teoria da vinculação remonta ao postulado de Bowlby sobre a influência que as relações precoces têm no desenvolvimento do indivíduo ao longo da sua vida (Rios, 2006). Logo após o nascimento, cria-se um vínculo entre o bebé e a pessoa que cuida dele, como garantia da sua sobrevivência (Rios, 2006). A vinculação é um sistema motivacional activado em idades precoces e associado à procura e manutenção de contacto com o cuidador, o que revela que a espécie humana tem, desde cedo, a capacidade de promover o investimento parental. Deste modo, a construção desta relação é uma das mais importantes tarefas desenvolvimentais dos primeiros meses de vida (Carvalho, 2007).

A relação de vinculação assenta na regulação da segurança, entre a criança que precisa de protecção e a pessoa que lhe assegura cuidados físicos e psicológicos (Howes, 1999). Por sua vez, a vinculação é a ligação emocional que une a criança à figura de vinculação e que faz com que aquela procure essa pessoa em particular, designadamente em busca de segurança e conforto (Bowlby, 1984; Cassidy, 1999).

O sistema comportamental de vinculação coexiste e interage com outros sistemas, que regulam outros comportamentos (Marvin & Britner, 1999), nomeadamente de exploração e interacção social. Através do procedimento da Situação Estranha, Ainsworth observou como os bebés usavam a mãe como base segura para explorar o meio e interagir com outras pessoas, regulando assim a ansiedade experimentada. Um bebé que tem uma figura disponível e responsiva afasta-se da “base segura” para explorar e aprender; mas se não receber apoio e protecção para se afastar, manter-se-á junto da base (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978; Jongenelen, 2004). Ou seja, se a criança se sente segura, activa os sistemas exploratório e de comportamento social e, em oposição, se não se sente segura, activa o sistema de medo e alerta e o sistema de vinculação (Marvin & Britner, 1999).

O sistema de vinculação faz, então, parte de um conjunto de sistemas biológicos (Bowlby, 1969) e é activado por factores internos, como fome ou dor, ou factores externos, como ambientes ou pessoas estranhas (Bowlby, 1973; Bretherton, 2005). A falta de equilíbrio entre os vários sistemas pode levar a perturbações do desenvolvimento (Rios, 2006). Daí que Bowlby afirme que, mais importante do que a presença da figura de vinculação, é a sua acessibilidade e responsividade (Soares, 2007).

À medida que interage com as figuras de vinculação, a criança reúne um conjunto de conhecimentos e expectativas sobre a sua acessibilidade e responsividade e sobre a influência que ela própria exerce nos outros. Estas representações sobre o *self*, sobre as figuras de vinculação e sobre as relações são o que Bowlby designa por modelos internos dinâmicos de vinculação (Marvin & Britner, 1999; Soares, 2007). Os modelos internos dinâmicos possibilitam que a criança antecipe e interprete o comportamento da figura de vinculação (Wright, Binney & Smith, 1995) e decida sobre como vai interagir com ela (Soares, 2007). Esta dinâmica irá influenciar o auto-conceito da criança e a forma se relaciona com os outros, na medida em que as crianças que têm uma vinculação segura, vêem o seu cuidador como responsivo e disponível e sentem-se merecedoras de afecto (Bowlby, 1973; Bretherton, 2005). Daí que o principal postulado da teoria da vinculação seja o de que os vínculos emocionais são fundamentais para o desenvolvimento de uma personalidade adaptativa (Jongenelen, 2004; Rios, 2006).

À medida que cresce, a criança vai sendo cada vez mais activa na interacção com a figura de vinculação, de acordo com o alargamento do seu repertório comportamental, cognitivo e emocional (Soares, 2001). Vários laços podem ser formados, quebrados e reorganizados ao longo da vida (Carvalho, 2007), mas aqueles são sempre determinados pelo primeiro modelo de relações sociais – a relação de vinculação (Ainsworth, 1989).

Em síntese, a teoria da vinculação foca-se no estabelecimento de relações interpessoais significativas ao longo do ciclo vital, e defende que todo o desenvolvimento, emocional, cognitivo e social do indivíduo se organiza em torno das relações com as figuras de vinculação (Rios, 2006).

A vinculação na idade escolar

No período escolar, entre os 6 e os 12 anos, ocorrem diversas transformações, de ordem cognitiva, emocional e relacional que vão ter um impacto profundo em todo o sistema de vinculação (Dwyer, 2005; Raikes & Thompson, 2005). Apesar de os pais continuarem a ser a principal figura de vinculação (Kerns, Tomich & Kim, 2006), a relação entre estes e a criança irá sofrer alterações, a nível da quantidade, conteúdo e tipo (Collins, Madsen & Susman-Stillman, 2002).

A maior alteração a nível cognitivo consiste no desenvolvimento da metamemória e da metacognição, Isto é, a capacidade de pensar acerca do pensamento e sobre si própria (Rios, 2006). Desta forma, a criança passa a conseguir definir planos e objectivos e a ter melhor percepção de si própria e dos outros, das relações e da sociedade, pelo que se dá um visível desenvolvimento das suas competências sociais (Collins et al., 2002; Mayseless, 2005). Torna-se também mais capaz de compreender e interpretar melhor a linguagem oral e escrita, além de se fazer entender melhor (Rios, 2006). O desenvolvimento cognitivo permite que a criança consiga agora colocar-se na perspectiva do outro. Assim, ao compreender os motivos subjacentes ao comportamento dos pais, passa a tentar influenciá-los para que se tornem mais próximos dos seus (Bowlby, 1984). Estas mudanças reflectem-se nos padrões comunicacionais com os pais, que têm de se adaptar à sua crescente autonomia e capacidade de raciocínio (Collins, Harris & Susman, 1995 cit. Rios, 2006).

A nível emocional, desenvolve-se o auto-conceito e a criança pode comparar o seu *self* real com o seu *self* ideal e avaliar-se de acordo com os critérios sociais (Raikes & Thompson, 2005; Rios, 2006). Estas competências metacognitivas favorecem a crescente regulação emocional e a maior autonomia emocional face aos pais (Raikes & Thompson, 2005). Utilizando os conhecimentos que tem sobre si e sobre os seus sentimentos, a criança consegue antecipar as suas respostas emocionais a situações difíceis, pelo que melhora a sua capacidade para gerir as experiências e expressões emocionais (Thompson, 1994, cit. Rios, 2006). A capacidade de regulação emocional significa que a criança é capaz de gerir os seus estados emocionais, de acordo com os sujeitos com quem interage (Raikes & Thompson, 2005). A criança torna-se, então, mais consciente e responsável pelos seus comportamentos (Grolnick & Gurland, 2002; Kochanska & Aksan, 2006) e cada vez mais se espera que lide sozinha e de forma eficaz com experiências emocionais negativas, através de estratégias de *coping* (Rios, 2006). Compreendendo-se a si e aos outros, a criança não só é capaz de regular melhor as suas emoções, como também de as verbalizar (Dwyer, 2005; Mayseless, 2005). O sistema comportamental de vinculação fica então mais sofisticado e abstracto (Mayseless, 2005), e passa a orientar-se por internalizações cognitivas-afectivas, na medida em que a criança regula os seus comportamentos de vinculação com base nas suas cognições e sentimentos (Marvin & Britner, 1999). Tudo isto possibilita que a criança seja capaz de elaborar representações generalizadas da vinculação (Kerns, Schlegelmilch, Morgan & Abraham, 2005; Raikes & Thompson, 2005), nomeadamente sobre as experiências, expectativas e competências das figuras de vinculação (Waters & Cummings, 2000).

A idade escolar é propícia à convivência com outros agentes de socialização e, assim, irmãos, avós, amigos e professores assumem um papel proeminente na vida da criança (Ainsworth, 1989; Lewis, 2005). A crescente autonomia e diversificação das relações são decisivas no desenvolvimento do sistema de vinculação da criança (Collins, Madsen & Susman-Stillman, 2002; Hartup, 1996). Estas figuras complementares de vinculação podem ser importantes para a minimizar os riscos de uma fraca relação de vinculação com os pais (Zionts, 2005).

À medida que a criança se torna mais autónoma e responsável pelos seus comportamentos e protecção (Grolnick & Gurland, 2002; Kochanska & Aksan, 2006), aumentam as situações e os períodos de afastamento físico dos pais. Estes continuam a ser as figuras de vinculação principais, mas agora espera-se sobretudo que estejam disponíveis em situações de *stress* (Marvin & Britner, 1999; Mayseless, 2005), e/ou aquando solicitados pela criança (Crouter & Head, 2002; Parke & Buriel, 2006). Aliás, os períodos de separação são possíveis na medida em que a criança percebe a disponibilidade e consequente responsividade dos pais (Kerns et al., 2006; Marvin & Britner, 1999).

Podemos caracterizar a vinculação na idade escolar como o grau em que a criança percebe a figura de vinculação como responsiva, psicologicamente disponível e aberta à comunicação (Raikes & Thompson, 2005). Nesta fase, a relação de vinculação assume características de supervisão partilhada, tendo a vinculação como objectivo promover a independência (Rios, 2006).

Qualidade da vinculação e tipologia familiar

Compreensivelmente, alterações profundas na estrutura familiar podem provocar modificações na qualidade da vinculação da criança. As famílias nucleares têm sido apontadas como as mais favoráveis ao desenvolvimento de uma vinculação segura, em comparação com as famílias monoparentais ou reconstituídas.

Muitos estudos sugerem que as crianças de famílias divorciadas estão mais sujeitas a desenvolver uma vinculação insegura (Tippelt & König, 2007). Quando os pais se separam, toda a família tem de se adaptar às modificações que a separação traz à vida familiar. O *stress* e alterações que o divórcio acarreta podem prejudicar a disponibilidade e a responsividade

dos pais (Faber & Wittenborn, 2010; Page & Bretherton, 2001) e as crianças podem passar por transtornos no sono e na alimentação e problemas comportamentais, emocionais, sociais e académicos (Emery, Waldron, Kitzmann & Aaron, 1999; Fabricius & Luecken, 2007; O'Connor, Dunn & Jenkins, 2001). As crianças mais novas, até aos 6 anos, são mais susceptíveis a sofrer com a separação dos seus pais (Hetherington, 2003; Kaplan & Owens, 2004). Por outro lado, sabe-se que há diferenças de género, sendo os meninos os que têm mais dificuldades de adaptação (Brown & Portes, 2006).

O divórcio acarreta sempre algum distanciamento ao progenitor que não fica com a custódia (Page & Bretherton, 2001) e, na maior parte das vezes, é o relacionamento com o pai que é mais afectado (Amato & Booth, 1996; Moura & Matos, 2008). Ao deixar de haver contacto diário com o pai, a criança pode sentir-se abandonada (Tippelt & König, 2007) e, portanto, é fundamental para a relação de vinculação que haja um contacto regular e prolongado com o pai que não viva com o seu filho (Lowenstein, 2010). Esse contacto deve assentar numa verdadeira presença física e psicológica, pois só assim se pode constituir como um factor protector do desenvolvimento da criança (Amato & Gilbraith, 1999; Taanila, Laitinen, Moilanen & Järvelin, 2002). Se há afastamento entre o pai e a criança, uma relação privilegiada com outro familiar masculino pode assumir-se como um factor protector do desenvolvimento da criança (Hetherington & Kelly, 2002; Schenck, Braver, Wolchik, Saenz, Cookston & Fabricius, 2009; Summers, Boller & Raikes, 2004). Em comparação com as restantes, as crianças que não se relacionam com o seu pai têm uma auto-estima mais baixa, apesar de, em contrapartida, poderem estabelecer uma vinculação de maior qualidade com a mãe (Golombok, Tasker, & Murray, 1997).

Neste sentido, é espectável que se observem alterações, temporária ou permanentemente, na segurança da vinculação a um ou a ambos os pais na sequência da separação (Faber & Wittenborn, 2010). Não obstante, apesar de vários estudos indicarem que os filhos de pais divorciados correm maior risco de desenvolver uma vinculação insegura, quando comparados com os filhos de pais casados (Beckwith, Cohen & Hamilton, 1999; Lewis, Feiring & Rosenthal, 2000; Woodward, Fergusson & Belsky, 2000), investigações recentes não encontram diferenças no comportamento e ajustamento destas crianças (Page & Bretherton, 2001; Ruschena, Prior, Sanson & Smart, 2005). Inclusivamente, alguns estudos têm sugerido efeitos favoráveis do divórcio dos pais, no sentido de uma maior maturidade e auto-estima e de mais competências de empatia (Amato & Keith, 1991; Crosnoe & Elder, 2004; González & Triana, 2008).

Apesar de ser inconclusiva a forma como o impacto do divórcio interfere na vinculação da criança, sabe-se que os dois primeiros anos após a separação dos pais são os mais críticos, e que, a partir daí, o impacto deste acontecimento tende a diminuir ao longo do tempo (Hetherington & Kelly, 2002).

Também quando a estrutura familiar se altera, para a constituição de uma família reconstituída, se podem observar alterações na qualidade de vinculação das crianças, sobretudo se a criança sentir a mãe menos apoiante e disponível (Faber & Wittenborn, 2010). Se a eminência do casamento pode parecer uma ameaça à relação próxima com a mãe (Hetherington, 2003; Hetherington & Kelly, 2002), num sentido similar, uma relação difícil com o padrasto pode reflectir-se em relações futuras (Bowlby, 1973).

Acrescente-se que a investigação tem apontado para a importância que a qualidade da relação com os pais tem na regulação do impacto de um novo casamento de um ou ambos os pais no ajustamento da criança (Dunn, 2002). Não obstante, como referimos atrás, a presença de um padrasto na vida de uma criança que não mantenha relação com o seu pai, pode ser um factor protector do seu desenvolvimento (Schenck et al., 2009).

Os estudos indicam, ainda, que há uma maior probabilidade de as crianças a viverem em famílias reconstituídas apresentarem problemas de ajustamento social, comportamental, académico e emocional (Cheng, Dunn, O'Connor & Golding, 2006; Dunn, 2002; Ganong & Coleman, 2004). Ao contrário do que se passa nas famílias monoparentais, nas famílias reconstituídas as raparigas parecem mais vulneráveis do que os rapazes (González & Triana, 2008; Hetherington & Kelly, 2002). Todavia, não é consensual que haja diferenças de género no desenvolvimento das crianças de famílias reconstituídas, sendo que alguns estudos indicam que a idade da criança é mais relevante (Hetherington & Clingempeel, 1992).

Mas a tipologia familiar *per se* não é determinante do ajustamento da criança, pelo que é necessário entrar em linha de conta com questões como as relações familiares, as trajectórias de vida, o nível socioeconómico da família, a saúde mental dos pais e a existência prévia de problemas desenvolvimentais e comportamentais na criança (Dunn, 2002; Nicholson, Fergusson & Horwood, 1999). Sem a presença destes factores de risco, as desvantagens desenvolvimentais de crianças de famílias reconstituídas reduzem-se substancialmente (Cherlin, Chase-Lansdale & McRae, 1998; Nicholson et al., 1999).

Vários outros factores podem influenciar a qualidade da vinculação da criança, que podem ser intrínsecos à própria criança ou estarem associados às figuras de vinculação ou advirem do contexto em que aquela está inserida. Algumas características da criança podem

influenciar o seu desenvolvimento e a qualidade da sua vinculação (Bowlby, 1984). Há estudos que sugerem que crianças com temperamento mais difícil têm maior probabilidade de ter uma vinculação insegura (Susman-Stillman, Kalkoske, Egeland & Waldman, 1996; Vaughn & Bost, 1999). Outra variável que influencia a qualidade da vinculação é o funcionamento cognitivo da criança, na medida em que a uma vinculação insegura habitualmente está associado um nível inferior de funcionamento cognitivo (Ainsworth et al., 1978; Sroufe, Egeland, Carlson & Collins, W.A., 2005). No que se refere ao género, o seu papel parece ter mais relevância a partir da idade escolar, com uma maior prevalência de vinculações seguras no sexo feminino (Michiels, Grietens, Onghena & Kuppens, 2010; Rios, 2006).

No que respeita às variáveis relacionais e referentes às figuras parentais, destacam-se em particular os estilos e práticas educativas parentais, a qualidade da relação interparental, a co-parentalidade, bem como os recursos psicológicos dos pais. Os estilos e práticas educativas dos pais são relevantes para perceber a qualidade da vinculação da criança (Karavasilis, Doyle & Markiewicz, 2003; Muris, Meesters, Merckelbach & Hülsebeck, 2000; Roelofs, Meesters & Muris, 2008). O estilo educativo autorizado, caracterizado por práticas educativas parentais de suporte, afecto e aceitação, tem maior probabilidade de se associar a uma vinculação segura (Kerns, Aspelmeier, Gentzler & Grabill, 2001; Michiels et al., 2010). Também a qualidade da relação entre os pais (Dickstein, Seifer & Albus, 2009) pode assumir-se como um factor protector ou como um factor de risco para o percurso desenvolvimental da criança (Sroufe, 2002). Por outro lado, a co-parentalidade, ou seja, o processo através do qual pai e mãe coordenam os seus comportamentos parentais, se apoiam e partilham responsabilidades e tarefas educativas, é fundamental na qualidade da vinculação da criança (McHale, Lauretti, Talbot & Pouquette, 2002). Desta forma, uma relação parental conflituosa é prejudicial, não só ao comportamento parental (Frosch & Mangelsdorf, 2001; Shelton & Harold, 2008), como à vinculação da criança (Cummings & Davies, 2002; Owen & Cox, 1997). O conflito interparental tem, aliás, efeitos mais adversos na qualidade da vinculação da criança do que a separação conjugal propriamente dita (Amato & Booth, 1996; Hetherington, Bridges & Insabella, 1998). Os recursos psicológicos dos pais, nomeadamente a sua saúde mental e psicológica, o seu bem-estar e algumas características da personalidade, ao influenciarem a qualidade dos cuidados prestados à criança, reflectem-se na qualidade da vinculação (Belsky & Fearon, 2008). Sabe-se, por exemplo, que mães que sofrem de

perturbação bipolar ou depressão têm maior probabilidade de terem filhos com vinculações inseguras (Poehlmann & Fiese, 2001; Teti, Gerfand, Messinger & Isabella, 1995).

Por fim, há questões do contexto familiar que são relevantes para o desenvolvimento harmonioso da criança e o estabelecimento de uma vinculação segura, nomeadamente o número de irmãos e a posição da criança na fratria, sendo o nascimento de um irmão um factor de mudança da vinculação, no sentido da segurança (Ammantini, Speranza, & Fedele, 2005). Por outro lado, os pais que vivem em contextos sociais desvantajosos podem sentir um maior nível de stress parental e, conseqüentemente, estabelecer relações de vinculação mais inseguras (Scher & Mayseless, 2000). É sabido que em amostras de risco e de baixo nível socioeconómico, há grande prevalência de vinculação insegura (van IJzendoorn, Goldberg, Kroonenberg & Frenkel, 1992; Weinfield, Sroufe & Egeland, 2000). O suporte social também tem um papel relevante na segurança da vinculação, na medida em que a um aumento do nível de suporte social recebido, corresponde uma melhoria da qualidade da vinculação da criança (Lewis, Feirig & Rosenthal, 2000; Sroufe, 2002).

Em suma, são vários os factores que podem desempenhar uma maior influência na qualidade da vinculação da criança, em comparação com a tipologia familiar ou estatuto conjugal dos pais (Booth, Clarke-Stewart, McCartney, Owen & Vandell, 2000), designadamente a qualidade da relação interparental e a qualidade da co-parentalidade praticada pelos pais.

Objectivos

Face ao exposto no capítulo anterior, parece-nos pertinente estudar a qualidade da vinculação no período escolar, nos vários tipos de família. Desta forma, o presente estudo tem por objectivo principal avaliar em que medida a representação da vinculação de crianças em idade escolar, avaliada através de um instrumento clinimétrico, o *Separation Anxiety Test* (SAT), é convergente com a percepção das mães sobre os comportamentos de vinculação das mesmas crianças, avaliada por um instrumento psicométrico, a Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança (PCV-M).

Como objectivo complementar, pretendemos aferir se o tipo de família (nuclear, monoparental ou reconstituída) influencia a segurança da vinculação da criança, através da análise da representação da vinculação por parte de crianças oriundas de cada um destes tipos de família.

São as seguintes as hipóteses de partida deste estudo:

1. Existe concordância entre a percepção da mãe sobre a segurança do comportamento de vinculação da criança e a representação da vinculação por parte da criança tal como é avaliada pelo SAT, independentemente do tipo de família.
2. Existe um maior número de crianças com vinculação segura, tal como é medida pelo SAT, em famílias nucleares em comparação com as famílias monoparentais ou reconstituídas.
3. As mães de famílias nucleares são as que percebem mais comportamentos de vinculação segura nos seus filhos, em comparação com as mães de famílias monoparentais ou reconstituídas.

Avançamos estas hipóteses com base no facto de a literatura sugerir que a vinculação segura é mais frequente em famílias nucleares do que noutros tipos de família e partindo do pressuposto que os resultados da avaliação de um mesmo constructo em diferentes instrumentos deverão ser convergentes.

Metodologia

Este trabalho constitui uma linha de investigação do projecto de doutoramento “Influência dos estilos educativos parentais na qualidade da vinculação de crianças em idade escolar em diferentes tipos de família”, de Sónia Simões, co-orientadora desta dissertação. O nosso estudo baseia-se nos dados recolhidos no trabalho de campo deste projecto.

Procedimentos

Numa primeira fase, procurou-se obter autorização formal da Comissão Nacional de Dados (CNPd), da Direcção Regional de Educação do Centro e das direcções dos Agrupamentos de Escolas de Coimbra. Em seguida, passou-se uma ficha de caracterização sociodemográfica às mães de crianças do 2º, 3º, e 4º anos do 1º ciclo do ensino básico. Para seleccionar os três grupos dentro da amostra, procedeu-se a um emparelhamento de crianças

procedentes de famílias nucleares e monoparentais, mediante informação das referidas fichas. Este emparelhamento teve em conta a idade e género da criança, o número de irmãos e posição na fratria e a idade e habilitações literárias da mãe. Apenas foram seleccionadas crianças a frequentarem o 3º ou o 4º ano de escolaridade. Excluíram-se crianças adoptadas ou institucionalizadas e crianças que vivessem só com o pai ou com os avós. No que se refere ao grupo de famílias reconstituídas, a selecção foi feita casuisticamente, por serem em número substancialmente reduzido, o que dificultou a utilização dos mesmos critérios. Posteriormente, foi enviado o protocolo de investigação às mães, do qual fazia parte o consentimento informado (cf. Anexo 1), o Questionário Psicossocial (cf. Anexo 2) e o PCV-M (cf. Anexo 3). Só após devolução dos instrumentos devidamente preenchidos, se procedeu à administração do SAT (cf. Anexo 4) às crianças.

Análise estatística

O tratamento estatístico dos dados recolhidos foi efectuado com recurso ao programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS), na versão 17.0, com o propósito de testar as hipóteses formuladas. Começámos por fazer uma breve análise da amostra com métodos de estatística descritiva, designadamente o cálculo de frequências absolutas e percentuais, da média e do desvio-padrão. Testámos a consistência interna do PCV-M através do cálculo do *alpha de Cronbach*, e o grau de acordo inter-juizes no SAT através do *kappa de Kohen*. Recorremos ao teste *Kolmogorov-Smirnov* para analisar a normalidade da distribuição de cada instrumento. Apesar de a amostra não seguir uma distribuição normal, utilizámos testes paramétricos, uma vez que se considera que amostras superiores a 30 tendem para a normalidade, independentemente da sua distribuição (Pestana e Gageiro, 2008). Assim, a correlação entre as dimensões do PCV-M e as escalas do SAT, tendo em conta o tipo de família, foi aferida com o *coeficiente de Pearson*. Recorremos ainda ao teste *U de Mann-Whitney* para analisar a convergência entre as escalas do PCV-M e a classificação do SAT. A fim de estudar a dependência entre as variáveis representação da vinculação da criança e tipo de família, utilizámos o teste do qui quadrado. Finalmente, avaliámos a percepção da mãe no PCV-M em função do tipo de família através da análise da variância univariada (*Anova*).

Caracterização da Amostra

A amostra é constituída por 168 díades de mães e filhos, em que as crianças frequentam o 3º ou o 4º anos de escolaridade em escolas de seis agrupamentos do conselho de Coimbra. A amostra foi dividida em três grupos de acordo com o tipo de família. Assim, 33,3% das crianças pertencem a famílias nucleares, 33,3% da amostra provém de famílias monoparentais e as restantes 33,3% das crianças têm famílias reconstituídas (cf. Apêndice A).

A amostra é constituída por igual número de meninas e meninos, sendo que 17,85% das crianças frequentam o 3º ano de escolaridade e 82,14% estão no 4º ano de escolaridade. Acrescente-se que, da amostra total, 13% das crianças estão em situação de repetição de ano. As idades das crianças variam entre os 8 e os 11 anos, com uma média de 9,17 (DP= 0,771). Da totalidade da amostra, 42,9% das crianças são filhas únicas, enquanto as restantes ocupam diferentes posições em fratrias de 2 a 6 filhos. As idades das mães variam entre 23 e 53 anos, com uma média de 36,04 (DP= 5,804). As idades dos pais variam entre 25 e 66 anos, com uma média de 38,48 (DP= 6,172). No que respeita à escolaridade das mães, quase metade da amostra tem apenas o ensino básico (44%), 27% das mães completaram o ensino secundário, 26% concluíram uma licenciatura e 3% possuem mestrado ou doutoramento. Das famílias em estudo, há uma distribuição semelhante pelas zonas de residência urbana (48,8%) e rural (51,2%).

Ao compararmos os três subgrupos em função das variáveis sociodemográficas, verificamos que apenas há diferenças entre os três tipos de família no que diz respeito ao ano de escolaridade (cf. Apêndice B). Assim, há mais crianças no 3º ano de escolaridade nas famílias reconstituídas (41,1%) em comparação com as famílias nucleares (7,1%) e monoparentais (5,4%) ($F=18.610$; $gl=2$; $p=.000$).

Instrumentos

Questionário Psicossocial

Este questionário foi adaptado de Farate, Pocinho & Machado (2010), originalmente organizado em 8 secções de questões fechadas e pré-codificadas, relativas à criança e à

família (cf. Anexo 2). Tem como finalidade recolher informações relevantes sobre o contexto sociofamiliar da criança, designadamente: composição do agregado familiar, idade da criança e posição na fratria, idade dos pais, grau de escolaridade e profissão dos pais.

PCV-M

A *Escala de Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança aos 6 anos* (PCV-M de Dias, Soares & Freire, 2002) permite aferir a percepção da mãe em relação aos comportamentos de vinculação do seu filho em idade escolar (cf. Anexo 3). Este instrumento é composto por 33 itens cotados numa escala tipo *Lickert*¹ referentes a três dimensões do comportamento de vinculação da criança e uma da mãe, sendo que a um adequado funcionamento nestas dimensões corresponde uma relação de vinculação segura (Martins, Soares & GEV, 2007). As dimensões do PCV-M são: *Dificuldades de Auto-Regulação Emocional* (DARE, 12 itens – 1, 6, 8, 11, 14, 16, 19, 21, 23, 25, 29, 33); *Comportamento de Base Segura* (CBS, 7 itens – 2, 5, 12, 18, 22, 27, 31), *Partilha de Afecto* (PA, 7 itens – 3,7,9,17, 24,26,30), e *Desejabilidade Social* (DS, 7 itens – 4,10,13,15,20,28,32). Os itens correspondentes a cada dimensão estão dispostos aleatoriamente pelo questionário e os itens que compõem a subescala Dificuldades de Auto-Regulação Emocional são cotados de modo invertido. Os valores mais baixos indicam que há uma percepção da vinculação como insegura, enquanto os mais elevados indicam uma percepção de segurança da vinculação (Dias, Soares & Freire, 2002).

Segundo Dias, Carvalho, Rios, Silva & Soares (2007), a dimensão DARE refere-se a indicadores de insegurança da relação de vinculação, em situações em que o sistema de vinculação esteja activado; a dimensão CBS indica comportamentos de utilização das figuras de vinculação como base segura na exploração do meio; a PA remete para comportamentos de partilha de experiências e afectos com a figura de vinculação; e a escala DS identifica valores de desejabilidade social da parte da mãe, através de itens que têm pouca probabilidade de serem observados em crianças desta idade (Martins, Soares & GEV, 2007).

¹ 1) Totalmente diferente do meu filho; 2) um pouco diferente do meu filho; 3) nem parecido nem diferente do meu filho; 4) um pouco parecido com o meu filho; 5) totalmente parecido com o meu filho.

A pontuação global do PCV-M será indicadora da percepção materna da segurança da vinculação da criança (Dias, Soares & Freire, 2002).

O *alpha de Cronbach* é considerado a melhor estimativa de fidelidade de um instrumento, sendo .80 considerado um bom valor de fidelidade (Hill & Hill, 2002). Foi este o teste que utilizámos para avaliar a consistência interna do PCV-M na amostra em estudo. Os valores de *alpha de Cronbach* dos itens do PCV-M são muito bons, situando-se entre .86 e .85 (cf. Apêndice C). Para as subescalas obtivemos *alphas* de .82 para DARE, .72 para CBS, .76 para PA e .81 para DS (Tabela 1). De realçar que o *alpha de Cronbach* deste estudo superou o dos autores do instrumento.

Tabela 1: Análise da consistência interna do PCV-M (subescalas)

PCV-M	Dias, Soares, Freire & Rios, 2007	Farate et al., 2010	Amostra em estudo
Dificuldades de auto-regulação emocional	.75	.78	.82
Comportamentos de base segura	.71	.79	.72
Partilha de afecto	.72	.77	.76
Desejabilidade social	-	.65	.81
Total	.84	.84	.86

No que se refere aos itens das subescalas, os valores do *alpha de Cronbach* variam entre .87 e .86 (

Tabela 2), sendo que podemos concluir que nenhum dos itens aumentaria o valor do *alpha de Cronbach*, se retirado da análise.

Tabela 2: Análise da consistência interna do PCV-M (subescalas)

Subescala	Nº Item	Alpha da subescala	Média	Correlação item/total	Alpha s/ item
Dificuldades de auto-regulação emocional	1	.823	3,43	,337	,825
	6		4,35	,461	,811
	8		3,92	,417	,816
	11		4,39	,547	,803
	14		4,27	,394	,816
	16		4,33	,642	,797
	19		4,48	,540	,804
	21		4,62	,605	,802
	23		4,14	,565	,802
	25		4,24	,557	,803
	29		3,85	,308	,825
	33		4,45	,492	,809
Comportamento base segura	2	.725	4,47	,306	,723
	5		4,45	,291	,724
	12		4,30	,403	,702
	18		4,36	,525	,670
	22		4,20	,501	,676
	27		4,65	,492	,689
Partilha de afecto	31	.766	4,18	,575	,656
	3		4,28	,474	,739
	7		3,59	,440	,755
	9		4,04	,652	,702
	17		4,47	,472	,740
	24		4,08	,468	,740
	26		4,61	,406	,753
Desejabilidade social (das mães)	30	.810	4,26	,543	,724
	4		3,44	,563	,781
	10		2,65	,559	,782
	13		2,51	,655	,763
	15		2,51	,634	,768
	20		2,37	,516	,790
	28		3,63	,507	,791
	32		3,97	,372	,810

Como podemos ver na Tabela 3, o teste de Kolmogorov-Smirnov para aferir a normalidade da amostra no PCV-M demonstrou que nenhum dos três grupos apresenta uma distribuição normal em qualquer uma das subescalas.

Tabela 3: Medidas descritivas das subescalas do PCV-M para cada sub-amostra

	Média	Desvio-padrão	Mín.-Máx.	KS	p
Famílias Nucleares					
Dificuldades auto-regulação emocional	51,648	7,804	23-60	1,155	.139
Comportamento base-segura	30,055	4,006	21-35	1,093	.183
Partilha de afecto	28,963	4,762	20-35	.934	.348
Desejabilidade social	21,018	5,022	11-35	.670	.761
PCV-M Global	131,685	15,54	92-165	.577	.893
Famílias Monoparentais					
Dificuldades auto-regulação emocional	51,090	7,168	34-60	.795	.552
Comportamento base-segura	30,763	3,877	20-35	1,144	.146
Partilha de afecto	29,036	5,633	11-35	1,380	.044
Desejabilidade social	20,236	6,122	9-33	.699	.713
PCV-M Global	131,127	17,260	83-161	.785	.568
Famílias Reconstituídas					
Dificuldades auto-regulação emocional	48,549	7,844	30-60	.851	.464
Comportamento base-segura	30,764	4,301	18-35	1,160	.136
Partilha de afecto	29,745	4,906	13-35	1,039	.230
Desejabilidade social	20,549	5,707	9-33	.861	.448
PCV-M Global	129,607	16,158	79-160	.657	.781

SAT

O *Separation Anxiety Test* (SAT, Hansburg, 1972; Resnick, 1991; Slough & Greenberg, 1990, traduzido para português por Almeida, Soares & Martins, 1996) é uma entrevista semi-projectiva que avalia a qualidade da vinculação da criança. É constituída por 10 placas de imagens de situações de separação dos pais, que pretendem activar o sistema de vinculação da criança, aferindo depois os sentimentos que a criança projecta e as soluções de *coping* (cf. Anexo 4). Após transcritas as entrevistas, as respostas são avaliadas por dois juízes, que fazem a cotação em separado. Quando não há consenso, recorre-se a um terceiro juiz (Resnick, 1993).

A avaliação da criança tem em conta as seguintes escalas (Resnick, 1991, 1993): 1) *abertura emocional e vulnerabilidade* (se a criança é capaz de nomear claramente sentimentos de vulnerabilidade, como medo ou tristeza); 2) *rejeição/desvalorização da vinculação* (se valoriza as suas relações e se percebe a vulnerabilidade decorrente da perda

das figuras de vinculação); 3) *atribuição de culpa* (se e a quem atribui culpa pela separação, e se esta culpa é razoável ou excessiva); 4) *resistência/evitamento* (se a criança resiste ou evita responder às perguntas da entrevista); 5) *irritação/raiva* (se mostra raiva pela separação, e, se sim, a quem se dirige e com que intensidade); 6) *deslocamento de sentimentos* (a quem a criança dirige os seus sentimentos de vinculação, se às figuras de vinculação, se a outras figuras alternativas ou a objectos e/ou lugares); 7) *ansiedade* (se há esperança na resolução da separação ou se uma perspectiva pessimista na resposta); 8) *coerência da entrevista* (organização geral e consistência interna das respostas); 9) classificação de soluções (avalia se as soluções para a situação de separação são construtivas, destrutivas ou inexistentes). Conforme a pontuação geral e de cada uma das escalas, é atribuído o padrão e o sub-padrão que caracteriza a representação da vinculação da criança. A Tabela 4 apresenta um resumo dos padrões e sub-padrões que são atribuídos no SAT.

Tabela 4: Padrões e sub-padrões de vinculação no SAT

Organização da vinculação	Padrão	Sub-padrão	Características das respostas
Insegura	DS Inseguro Evitante/ Desvalorização da Vinculação	DS1: Rejeição da vinculação	Dificuldade em expressar emoções, desvalorização das FV
		DS2: Desvalorização/depreciação da vinculação	Ausência de sentimentos e instrumentalização das FV (raro)
		DS3: Restrição de Sentimentos	Poucos sentimentos e mal justificados, soluções construtivas simples ou passivas
Segura	F Valorização Espontânea das Relações de Vinculação	F1: Seguro mas um pouco desligado	Respostas pobres, com resistência ou evitamento.
		F2: Relativamente seguro	Evitamento, responsabilização excessiva ao próprio ou às FV
		F3: Seguro/valorização espontânea da vinculação	Coerentes, sentimentos abertos, soluções construtivas
		F4: Alguma preocupação com as FV	Infantis e com lapsos de discurso, alguma dependência das FV
		F5: De algum modo ressentido/irritado	Discurso desorganizado e pessimista, irritação e culpa ao próprio
Insegura	E Inseguro/Preocupado/ Emaranhado/Ambivalente	E1: Passivo	Elevada culpa e ansiedade, soluções passivas ou contraditórias
		E2: Irritado/conflituoso	Raiva dirigida a pessoas e lugares, discurso desorganizado e pessimista

É importante que haja acordo entre os dois juízes que fazem a cotação das entrevistas, sendo este acordo entendido como a igual atribuição do padrão de vinculação (Resnick, 1993). Num estudo preliminar, Resnick (1991) encontrou um acordo inter-juízes de 75%,

tendo Rios (2006) encontrado uma concordância de 85,7%. No presente estudo, houve acordo em 147 das 168 entrevistas cotadas, tendo-se recorrido a um terceiro juiz para as restantes entrevistas. Observou-se, portanto, uma satisfatória percentagem de 87,5% de acordo.

Para avaliarmos o nível de acordo inter-juizes recorremos ao teste *kappa de Kohen*, teste estatístico que permite aferir até que ponto o grau de concordância é explicado pelo acaso. O *kappa de Kohen* foi de .67 na classificação da segurança da vinculação (seguro ou inseguro), de .66 na atribuição do padrão de vinculação (F, DS ou E), e de .49 na atribuição do sub-padrão (F1, F2, F3, F4, F5; DS1, DS2, DS3; E1, E2). Trata-se de um nível de concordância muito bom na diferenciação entre seguro e inseguro e na atribuição do padrão de vinculação; e de um bom nível de concordância na atribuição do sub-padrão de vinculação².

Através do teste de Kolmogorov-Smirnov, podemos observar que nenhuma das sub-amostras apresenta uma distribuição normal nas escalas do SAT (Tabela 5).

Tabela 5: Medidas descritivas das escalas do SAT para cada sub-amostra

	Média	Desvio-padrão	Mediana	Min.-Max.
Famílias Nucleares				
Abertura emocional e vulnerabilidade*	6,18	,690	6,0	5-7
Rejeição/desvalorização da vinculação*	2,89	,779	3,0	1-5
Atribuição de culpa ao próprio*	6,77	,809	7,0	5-8
Resistência e evitamento*	6,46	,990	6,5	5-8
Raiva incontida*	6,95	,616	7,0	5-8
Deslocamento de sentimentos*	6,54	,852	7,0	4-8
Ansiedade (optimismo e pessimismo)*	5,93	,828	6,0	4-8
Coerência da entrevista*	6,43	,759	6,0	5-8
Classificação de soluções*	7,45	,989	7,0	4-9
Famílias Monoparentais				
Abertura emocional e vulnerabilidade*	6,16	,930	6,0	4-8
Rejeição/desvalorização da vinculação*	2,93	,828	3,0	2-5
Atribuição de culpa ao próprio*	6,89	,824	7,0	5-8
Resistência e evitamento*	6,57	1,093	7,0	4-8
Raiva incontida*	7,11	,731	7,0	5-8
Deslocamento de sentimentos*	6,57	,970	7,0	4-8
Ansiedade (optimismo e pessimismo)*	6,21	,803	6,0	4-8
Coerência da entrevista*	6,66	,900	7,0	4-8
Classificação de soluções*	7,75	,919	8,0	6-9
Famílias Reconstituídas				
Abertura emocional e vulnerabilidade*	5,98	,981	6,0	4-8
Rejeição/desvalorização da vinculação*	3,00	,661	3,0	1-4
Atribuição de culpa ao próprio*	7,05	,903	7,0	5-8
Resistência e evitamento*	6,29	1,202	6,0	2-8
Raiva incontida*	7,23	,763	7,0	5-8
Deslocamento de sentimentos*	6,48	,874	7,0	5-8
Ansiedade (optimismo e pessimismo)*	6,09	,859	6,0	4-8
Coerência da entrevista*	6,45	1,111	7,0	3-8
Classificação de soluções*	7,36	,943	7,0	5-9

*Kolmogorov-Smirnov<0.001

² De acordo com Pestana & Gageiro (2000), o nível de concordância dado pelo *kappa* é considerado muito bom para valores entre .60 e .80 e bom para valores entre .40 e .60.

Resultados

O nosso objectivo principal é a análise da convergência entre a representação da vinculação de crianças em idade escolar e a percepção materna sobre os comportamentos de vinculação da criança. Posteriormente, analisamos a qualidade da representação da vinculação da criança e o tipo de família a que pertence e a perspectiva materna sobre os comportamentos de vinculação em função do tipo de família a que pertence.

Convergência entre a representação da vinculação da criança e a percepção materna do comportamento de vinculação dos filhos

A fim de analisarmos a convergência entre a percepção materna do comportamento de vinculação dos filhos e a representação da vinculação das crianças, realizámos um teste U de *Mann-Whitney*, entre as escalas do PCV-M e a classificação do SAT. Como podemos ver na Tabela 6, na subescala Comportamento Base Segura ($p=.001$, $p<.01$) observam-se diferenças entre crianças provenientes de famílias monoparentais classificadas no SAT como seguras ($M=31.614$) e inseguras ($M=27.167$) . Isto significa que as mães deste tipo de família observam menos comportamentos de base-segura nos seus filhos.

Tabela 6: Teste UMW entre a percepção materna do comportamento da criança e a representação da vinculação da criança, por tipo de família

PCV-M	Seguro (n=124)		Inseguro (n=36)		U	P
	M	DP	M	DP		
Famílias Nucleares						
DARE	50,822	8,465	51,636	9,014	228,0	,687
Comportamento base-segura	30,356	3,791	28,546	4,458	190,0	,234
Partilha de afecto	28,978	4,808	28,182	4,600	228,5	,693
Desejabilidade social (mães)	21,422	5,203	19,000	4,171	178,0	,150
Pontuação global	131,578	16,240	127,364	15,371	213,0	,477
Famílias Monoparentais						
DARE	50,682	8,391	50,250	6,877	247,5	,741
Comportamento base-segura	31,614	3,265	27,167	4,260	103,5	,001**
Partilha de afecto	29,955	4,435	25,500	7,891	181,0	,096
Desejabilidade social (mães)	21,068	5,876	17,750	6,608	191,0	,144
Pontuação global	133,318	15,386	120,667	21,810	181,5	,099
Famílias Reconstituídas						
DARE	46,024	12,409	46,571	7,703	270,0	,649
Comportamento base-segura	29,452	7,127	30,214	3,309	258,0	,492
Partilha de afecto	28,762	6,959	28,857	4,312	259,5	,510
Desejabilidade social (mães)	20,238	6,821	20,714	4,858	284,0	,850
Pontuação global	124,476	26,909	126,357	12,983	270,5	,656

(*p<.05; **p<.01; ***p<.001)

Na Tabela 7, podemos analisar as correlações entre as pontuações obtidas nas subescalas do PCV-M e a pontuação obtida pela criança nas escalas do SAT. Mais uma vez, é no grupo de famílias monoparentais que há mais associações estatisticamente significativas. Assim, observamos que a dimensão Comportamento Base Segura se relaciona negativamente com a escala Rejeição/desvalorização da vinculação ($p=-.316$, $p<.05$) e positivamente com as escalas Abertura emocional e vulnerabilidade ($p=.325$, $p<.05$), Raiva Incontida ($p=.362$, $p<.01$), OP ($p=.289$, $p<.05$) e Coerência da entrevista ($p=.446$, $p<.01$). A subescala Partilha de Afecto está negativamente associada à escala Rejeição/desvalorização da Vinculação ($p=-.271$, $p<.05$) e positivamente associada às escalas Abertura Emocional e Vulnerabilidade ($p=.304$, $p<.05$), Resistência e Evitamento ($p=.342$, $p<.01$), Ansiedade/optimismo e pessimismo ($p=.320$, $p<.05$) e Coerência da entrevista ($p=.481$, $p<.01$). Finalmente, a pontuação global do PCV-M correlaciona-se positivamente com as escalas Ansiedade/optimismo e pessimismo ($p=.307$, $p<.05$) e Coerência da entrevista ($p=.383$, $p<.01$).

Ou seja, as crianças com mais abertura emocional e que não rejeitam as figuras de vinculação no SAT são descritas pelas suas mães no PCV-M como tendo mais comportamentos de base-segura e de partilha de afectos. Por sua vez, as crianças que se mostram mais optimistas e coerentes na entrevista SAT, são percebidas pelas suas mães como tendo mais comportamentos de base-segura, maior capacidade para partilhar afectos e um comportamento de vinculação mais seguro em geral. Da mesma forma, as crianças que menos resistem ou evitam as perguntas do SAT são as que apresentam às suas mães mais comportamentos de base-segura. No grupo das famílias nucleares observa-se uma associação positiva entre as escalas Partilha de Afecto do PCV-M e Abertura emocional e vulnerabilidade do SAT ($r=.266$, $p<.05$), o que significa que as crianças que manifestam sentimentos de vulnerabilidade no SAT revelam às suas mães maior capacidade de partilha de afectos.

Tabela 7: Correlação entre as dimensões do PCV-M e as escalas do SAT, em função do tipo de família

Escalas do SAT	PCV-M				
	DARE	CBS	PA	DS	Global
Famílias Nucleares					
Abertura emocional e vulnerabilidade	-,170	,147	,266[*]	,174	,080
Rejeição/desvalorização da vinculação*	,002	-,177	-,153	-,084	-,114
Atribuição de culpa ao próprio	,148	,159	-,096	,116	,126
Resistência e evitamento	-,105	-,005	,196	,186	,060
Raiva incontida	-,031	,052	-,047	,075	,006
Deslocamento de sentimentos	-,092	,043	,083	,066	,007
Ansiedade (optimismo e pessimismo)	,075	,000	-,045	,099	,058
Coerência da entrevista	-,013	,115	,067	,185	,100
Classificação de soluções	,155	,084	,149	,070	,169
Famílias Monoparentais					
Abertura emocional e vulnerabilidade	-,035	,325[*]	,304[*]	-,087	,123
Rejeição/desvalorização da vinculação*	,023	-,316[*]	-,271[*]	-,177	-,209
Atribuição de culpa ao próprio	-,092	,096	,000	,054	-,002
Resistência e evitamento	-,027	,207	,342^{**}	,170	,203
Raiva incontida	,005	,362^{**}	,205	,085	,178
Deslocamento de sentimentos	-,053	,243	,238	-,136	,058
Ansiedade (optimismo e pessimismo)	,076	,289[*]	,320[*]	,302[*]	,307[*]
Coerência da entrevista	,046	,446^{**}	,481^{**}	,312[*]	,383^{**}
Classificação de soluções	,155	,084	,149	,070	,169
Famílias Reconstituídas					
Abertura emocional e vulnerabilidade	-,039	,179	,224	,156	,129
Rejeição/desvalorização da vinculação*	,087	-,065	-,130	-,074	-,030
Atribuição de culpa ao próprio	,093	-,006	,015	,114	,076
Resistência e evitamento	-,133	-,065	,046	-,004	-,069
Raiva incontida	,141	,257	,164	,088	,201
Deslocamento de sentimentos	-,002	,103	,156	-,025	,061
Ansiedade (optimismo e pessimismo)	-,046	,079	,093	-,066	,006
Coerência da entrevista	,065	,080	,119	,044	,095
Classificação de soluções	,066	,034	-,029	-,213	-,024

*Escala invertida (pontuações mais elevadas correspondem a uma menor segurança da vinculação)

Coefficiente de *Pearson* (*p<.05; **p<.01; ***p<.001)

Representação da vinculação da criança em função do tipo de família

A partir da análise da Tabela 8, podemos concluir que não existem diferenças significativas entre famílias no que diz respeito à qualidade da vinculação, tal como é medida no SAT ($\chi^2 = .485$, $p < .785$).

Tabela 8: Qualidade da vinculação da criança em função do tipo de família

	Vinculação segura	Vinculação insegura	χ^2	P
Famílias Nucleares	80,4%	19,6%	.485	.785
Famílias Monoparentais	78,6%	21,4%		
Famílias Reconstituídas	75%	25%		

Com base nos dados da Tabela 9, podemos concluir que não existem diferenças significativas entre famílias no que diz respeito ao padrão de vinculação atribuído no SAT ($\chi^2 = .593$, $p < .964$). Também não há diferenças no que se refere à distribuição dos subpadrões por tipo de família ($\chi^2 = 10.971$, $p < .811$) (cf. Apêndice E).

Tabela 9: Distribuição dos padrões de vinculação da criança em função do tipo de família

	Padrão seguro (F)	Padrão evitante (E)	Padrão preocupado (DS)	χ^2	P
Famílias Nucleares	26,78	5,35	1,19	.593	.964
Famílias Monoparentais	26,19	5,95	1,19		
Famílias Reconstituídas	25	6,54	1,78		

Diferenças na percepção materna da vinculação em função do tipo de família

Quando comparamos os três tipos de família, através do teste *Anova* (Tabela 10), observamos diferenças nas pontuações obtidas na dimensão Dificuldades de auto-regulação emocional do PCV-M ($p=.089$, $\alpha<.05$). Ou seja, as mães de famílias nucleares são as que percebem nos seus filhos uma maior capacidade de regulação emocional ($M=51.41$), ao contrário das mães de famílias reconstituídas, que reconhecem nos seus filhos mais

difficultades de auto-regulação emocional ($M=46.16$). Esta é a única diferença estatisticamente significativa observada entre as famílias nas dimensões e pontuação global do PCV-M.

Tabela 10: Análise da variância da percepção da mãe sobre o comportamento de vinculação da criança em função do tipo de família

PCV-M	F. Nucleares		F. Monoparentais		F. Reconstituídas		F	p
	M	DP	M	DP	M	DP		
DARE	51,64	7,80	51,09	7,16	48,54	7,34	2,459	,089
Comportamento base-segura	30,05	4,00	30,76	3,87	30,76	4,30	,545	,581
Partilha afecto	28,96	4,76	2,03	5,63	29,74	4,90	,370	,691
Desejab. social	21,01	5,02	20,23	6,12	20,54	5,70	,265	,767
Global	131,68	15,64	131,12	17,26	129,60	16,15	,226	,798

(* $p<.05$; ** $p<.01$; *** $p<.001$)

Discussão

O objectivo central do nosso estudo foi comparar a percepção materna do comportamento de vinculação da criança e a representação da vinculação da criança. Pretendemos ainda verificar se existem diferenças, tanto na percepção materna do comportamento de vinculação da criança como na representação da vinculação da criança, em função do tipo de família. A este respeito, note-se que não foram encontradas diferenças significativas quanto às características sócio-demográficas dos três grupos que constituem a amostra, pelo que não é um factor relevante para a interpretação dos resultados.

Convergência entre a percepção materna do comportamento de vinculação da criança e a representação da vinculação da criança

Os resultados do nosso estudo revelam que a percepção que as mães têm dos comportamentos de vinculação dos filhos nem sempre vai ao encontro da avaliação da representação da criança. É apenas no grupo de famílias monoparentais que se observam correlações entre as dimensões do PCV-M e as 9 escalas que compõem o SAT. Verifica-se também, neste grupo, uma associação entre a qualidade da vinculação da criança e a percepção materna do comportamento de base-segura, o que significa que estas mães

identificam menos comportamentos de base-segura nos seus filhos, quando há uma representação insegura da vinculação. Estes resultados estão em linha com as conclusões de Rios (2006), que, no seu estudo, também não observou associação entre os resultados do SAT e do PCV-M.

A não convergência entre SAT e PCV-M pode ter origem na própria diferença da natureza dos dois instrumentos. O SAT é um instrumento categorial, que avalia a representação da vinculação junto da criança, enquanto o PCV-M é um instrumento dimensional que permite aferir a percepção materna do comportamento de vinculação do seu filho. É importante referir que o SAT ora remete a criança para ambos os progenitores, ora remete para um deles, não diferenciando, portanto, a vinculação da criança ao pai e à mãe (Bohlin, Hagekull & Rydell 2000; Wright et al., 1995). E, paralelamente, o PCV-M apenas recolhe a perspectiva da mãe. Por outro lado, a possibilidade de não haver identificação com a figura das placas do instrumento e, consequentemente, de não ocorrer uma projecção fidedigna dos comportamentos de vinculação pela criança (Slought & Greenberg, 1990), pode também contribuir para estes resultados.

Apesar de SAT e PCV-M avaliarem a vinculação de forma diferente, observamos alguns pontos de convergência entre os seus resultados, sobretudo no que diz respeito ao grupo de famílias monoparentais. Consideramos ainda que o recurso aos dois instrumentos é uma mais-valia no estudo da vinculação, ao recolher informações diferenciadas e complementares sobre a qualidade da vinculação das crianças em idade escolar. Isto porque, enquanto o SAT nos permite avaliar a representação da vinculação da criança directamente, o PCV-M contribui para a compreensão de aspectos comportamentais característicos da vinculação neste período desenvolvimental (Dwyer, 2005; Fraley & Spieker 2003).

Diferenças na qualidade da vinculação da criança em função do tipo de família

Verificámos que as crianças de famílias reconstituídas apresentam soluções menos construtivas perante situações de separação, contrariamente às famílias monoparentais. Todavia, não há diferenças significativas na qualidade da vinculação da criança em função do tipo de família a que pertence. Rejeitamos, desta forma, a hipótese formulada e concluímos que o tipo de família a que a criança pertence não é determinante da segurança da sua vinculação. Os resultados do nosso estudo afastam-se, assim, de outros estudos que associam

uma vinculação insegura a diferentes tipologias de famílias (Tippelt & König, 2007; Faber & Wittenborn, 2010). Efectivamente, sabe-se que há vários factores individuais, relacionais e contextuais que intervêm na qualidade da vinculação da criança, e que vão além do estado civil dos pais ou da estrutura do agregado familiar (Ammantini et al., 2005; Beckwith et al., 1999; Moss, Cyr, Bureau, Tarabulsy & Dubois-Comtois, 2005; Waters et al., 2000). O conflito conjugal, por exemplo, é melhor preditor da qualidade da vinculação do que divórcio dos pais, independentemente do tipo de família (Laurent, Kim & Capaldi, 2008; Moura & Matos, 2008).

Por outro lado, verificamos que a maioria das crianças tem uma representação segura da vinculação (78%) e que, nos restantes casos, o padrão inseguro-evitante (17,9%) é o mais frequente, seguindo-se o padrão inseguro-preocupado(4,1%). Esta distribuição dos padrões de vinculação vai ao encontro das conclusões de Soares (1996) e de Rios (2006).

Em síntese, independentemente do tipo de família a que pertence, a maioria das crianças apresenta um padrão de vinculação seguro. Nesta linha, convém referir que muitos estudos têm referido que há uma menor prevalência de casos de vinculação insegura em crianças no período escolar, quando em comparação com outras faixas etárias (Muris et al., 2000; Roelofs et al., 2008).

Diferenças na percepção materna da vinculação em função do tipo de família

Neste estudo, identificámos diferenças na percepção das mães sobre o comportamento de vinculação do filho, em função do tipo de família. As mães de famílias reconstituídas reconhecem mais dificuldades de auto-regulação emocional nos seus filhos do que as mães de famílias nucleares, que percebem os seus filhos como mais competentes a regular as suas emoções. Efectivamente, a literatura indica que há um maior risco de as crianças de famílias reconstituídas apresentarem dificuldades a este nível (Cheng et al., 2006; Dunn, 2002; Ganong & Coleman, 2004). Sabe-se que o impacto negativo que a transição familiar pode ter na qualidade e comportamentos de vinculação da criança diminui ao longo do tempo; todavia, os dados recolhidos não nos permitem analisar estes resultados à luz desta variável.

Conclusões

Não obstante as referências anteriormente tecidas em relação à ausência de convergência significativa entre o PCV-M e o SAT, o presente estudo tem a vantagem de conjugar duas medidas com características diferentes, que poderão recolher informações diferenciadas e complementares sobre a qualidade da vinculação das crianças em idade escolar. Uma das medidas, o SAT, tem a vantagem de avaliar directamente a representação da vinculação da criança de modo semi-projectivo, ao passo que o PCV-M, ao ser uma medida dimensional, poderá ser mais precisa do que as medidas categoriais a captar as características complexas do sistema de vinculação no período escolar, como advogam alguns autores (Dwyer, 2005; Fraley & Spieker 2003).

Como foi referido anteriormente, o SAT é uma medida semi-projectiva e clinimétrica, usada para avaliar a representação da vinculação através de uma entrevista realizada à criança. Este é um instrumento categorial, que permite classificar a representação da vinculação dos sujeitos em segura ou insegura, possibilitando, ainda, a atribuição de um padrão (F, DS, ou E) e de um sub-padrão de classificação. Por outro lado, o PCV-M pretende registar a percepção materna do comportamento de vinculação do seu filho e, ainda que a sua pontuação global seja um indicador da segurança da vinculação da criança, este é um instrumento dimensional. Ou seja, o presente estudo comparou as respostas que a criança dá face a situações de separação com a percepção da mãe sobre o comportamento de vinculação da criança. Deverá, então, equacionar-se a possibilidade de outras variáveis poderem influenciar as respostas que ambos os informantes dão perante os instrumentos em questão, tanto variáveis individuais relacionadas com a mãe (nomeadamente o seu estilo de vinculação) e com a criança, como variáveis contextuais.

Esta investigação teve como objectivo principal analisar as perspectivas cruzadas de mães e crianças de diferentes tipos de famílias, sobre a segurança da vinculação destas crianças em idade escolar. É de salientar que não observámos relação entre a qualidade da vinculação da criança e o tipo de família, o que é particularmente relevante se tivermos em conta que o número de famílias nucleares tem vindo a reduzir substancialmente nos últimos anos. Neste sentido, percebe-se que a tipologia familiar poderá não influenciar a segurança da vinculação da criança, o que sugere que poderão existir outras variáveis contextuais e relacionais a condicionar as associações descritas em alguma literatura entre estas variáveis,

nomeadamente a qualidade da relação interparental e a qualidade da co-parentalidade praticada.

É de salientar que um dos aspectos que assegura qualidade científica ao nosso estudo é o tamanho da nossa amostra e sua divisão em três subgrupos correspondentes a três tipologias familiares com idênticas características sociodemográficas, como a idade e género da criança, o número de irmãos e a sua posição na fratria, e a idade e habilitações literárias da mãe. Convém também referir que o presente estudo veio trazer mais dados empíricos sobre a vinculação em idade escolar, período desenvolvimental comparativamente pouco explorado na literatura da vinculação, com a vantagem de recorrer a diferentes informadores e a diferentes instrumentos – SAT e PCV-M. Outra mais-valia do nosso estudo é a sua contribuição para aprofundar o conhecimento das qualidades psicométricas do PCV-M e testar o nível do grau de acordo inter-juízes no SAT.

Convém no entanto salientar algumas limitações do nosso estudo, designadamente a ausência da perspectiva paterna, sobretudo porque, como já referimos, o SAT não faz distinção entre as duas figuras de vinculação. Além disso, encontrámos limitada informação sobre a utilização conjunta do SAT e PCV-M, o que dificulta a análise e discussão dos resultados. Por outro lado, há algumas variáveis que não foram controladas e que se sabe serem factores de risco para a vinculação da criança, designadamente a qualidade da relação dos pais da criança e o tempo de existência da nova constelação familiar (no caso das famílias monoparentais e reconstituídas). Deve-se também ter em consideração que a representatividade da população em geral pode estar, em parte, comprometida com o facto de a recolha da amostra não ter incluído escolas do ensino privado.

É importante que se realizem mais estudos sobre as percepções cruzadas de mães e filhos sobre a qualidade da vinculação destes, procedendo a uma validação convergente entre SAT e PCV-M. Em estudos futuros, seria igualmente relevante incluir a perspectiva paterna, porque, como já foi referido, o SAT avalia a ansiedade de separação às duas figuras de vinculação primárias. Consequentemente, seria também interessante comparar a perspectiva dos dois progenitores em relação aos comportamentos de vinculação da criança, apesar de o instrumento aqui utilizado estar apenas adaptado à perspectiva da mãe ou do/a professor/a. Por outro lado, pode constituir uma abordagem importante aferir sobre a efectiva presença física e emocional dos pais nos vários tipos de família, uma vez que se sabe que tem particular impacto na qualidade da vinculação da criança. Seria também valioso dar a estudos

futuros uma perspectiva sistémica, com uma análise da rede de suporte familiar, fundamental sobretudo para as famílias monoparentais.

Por fim, no que respeita ao contributo deste estudo para a prevenção do desenvolvimento e da saúde mental das crianças, destaca-se a relevância de considerar as questões do conflito entre os pais e da qualidade da co-parentalidade nos processos jurídicos de divórcio e de regulação do poder paternal. Se pais e juízes tiverem consciência do impacto daqueles factores no bem-estar emocional e psicológico das crianças, talvez a abordagem naqueles processos seja mais orientada para um desenvolvimento harmonioso futuro da criança.

Bibliografia

Ainsworth, M.D.S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, 44, 709-716.

Ainsworth, M.D.S., Blehar, M.C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the Strange Situation*. Hillsdale, NJ: . Erlbaum.

Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares* (2ª ed.). Coimbra: Quarteto Editora.

Almeida, C., Soares, I., & Martins, C. (1996). *Manual português de cotação e classificação do Separation Anxiety Test - SAT*. Departamento de Psicologia, Universidade do Minho. (Manual não publicado).

Amato, P.R., & Booth, A. (1996). A prospective study of divorce and parent-child relationship. *Journal of Marriage and the Family*, 58, 356-365.

Amato, P.R., & Gilbraith, J.G. (1999). Nonresident fathers and children's well-being: A meta-analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 557-573.

Amato, P.R., & Keith, B. (1991). Parental divorce and the well-being of children: A meta-analysis. *Psychological Bulletin*, 110(1), 26-46.

Ammantini, M., Speranza, A.M., & Fedele, S. (2005). Attachment in infancy and in early and late childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 71-88). New York: Guilford Press.

Beckwith, L., Cohen, S.E., & Hamilton, C.E. (1999). Maternal sensitivity during infancy and subsequent life events relate to attachment representation at early adulthood. *Developmental Psychology*, 35(3), 693-700.

Belsky, J., & Fearon, R.M.P. (2008). Precursors of attachment security. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 295-316). New York: Guilford Press.

Bohlin, G., Hagekull, B., & Rydell, A. (2000). Attachment and social functioning: A longitudinal study from infancy to middle childhood. *Social Development*, 9(1), 24-39.

Booth, C., Clarke-Stewart, K.A., McCartney, K., Owen, M.T., & Vandell, D.L. (2000). Effects of parental separation and divorce on very young children. *Journal of Family Psychology*, 14, 304-326.

Booth-LaForce, C., Rubin, K.H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K.B. (2005). Attachment and friendship predictors of psychosocial functioning in middle childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.71-88). New York: Guilford Press.

Bowlby, J. (1969/1984). *Attachment and loss. Attachment* (2nd ed.). London: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1969)

Bowlby, J. (1973/1985). *Attachment and loss. Separation*. London: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1973)

Bretherton, I. (2005). The internal working model construct. In K.E. Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 13-47). New York: Guilford Press.

Brown, J.H., & Portes, P.R. (2006). Understanding gender differences in children's adjustment to divorce: Implications for school counselors. *Journal of School Counseling*, 4(7), 2-28.

Carvalho, M.A. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento de informação: Implicações nas perturbações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Cassidy, J. (1999). The nature of the child's tie. In J. Cassidy & P.S. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: Guilford Press.

Cheng, H., Dunn, J., O'Connor, T.G., & Golding, J. (2006). Factors moderating children's adjustment to parental separation: Findings from a community study in England. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 34(2), 239-250.

Cherlin, A.J., Chase-Lansdale, P.L., & McRae, C. (1998). Effects of parental divorce on mental health throughout the life course. *American Sociological Review*, 63, 239-249.

Collins, W.A., Madsen, S.D., & Susman-Stillman, A. (2002). Parenting during middle childhood. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Vol. 1: Children and parenting* (2nd ed. pp. 73-101). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Crosnoe, R., & Elder, G. (2004). Family dynamics, supportive relationships, and educational resilience during adolescence. *Journal of Family Issues*, 25, 571-602.

Crouter, A.C., & Head, M.R. (2002). Parental monitoring knowledge of children. In M.H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Volume 3: Being and becoming a parent* (2nd ed., pp. 461-483). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Cummings, E.M., & Davies, P.T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43, 31-63.

Dias, P., Carvalho, M., Rios, S., Silva, J. Soares, I. (2007). Vinculação e psicopatologia. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 193-240). Braga: Psiquilíbrios.

Dias, P., Soares, I. & Freire, T. (2002). Percepção materna do comportamento de vinculação da criança aos 6 anos: Construção de uma escala. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 335-347.

Dickstein, S., Seifer, R., & Albus, K. (2009). Maternal adult attachment representations across relationships domains and infant outcomes: The importance of family and couple functioning. *Attachment and Human Development*, 11, 5-27.

Dunn, J. (2002). The adjustment of children in stepfamilies: Lessons from community studies. *Child and Adolescent Mental Health*, 7(4), 154-161.

Dwyer, K.M. (2005). The meaning and measurement of attachment in middle and late childhood. *Human Development*, 48, 155-182.

Emery, R.E., Waldron, M., Kitzmann, K.M., & Aaron, J. (1999). Delinquent behavior, future divorce or nonmarital childbearing, and externalizing behavior among offspring: A 14-year prospective study. *Journal of Family Psychology*, 13(4), 568-579.

Faber, A.J., & Wittenborn, A.K. (2010). The role of attachment in children's adjustment to divorce and remarriage. *Journal of Family Psychotherapy*, 21(2), 89-104.

Fabricius, W.V., & Luecken, L.J. (2007). Post divorce living arrangements, parent conflict, and long-term physical health correlates for children of divorce. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 195-205.

Farate, C.; Pocinho, M. & Machado, P. (2010). Repercussions of tobacco, alcohol and drugs on adolescent' health – modalities of interaction and reciprocal influence. Reino Unido: Lambert Academic Publishing.

Fraley, R. C., & Spieker, S. J. (2003). What are the differences between dimensional and categorical models of individual differences in attachment? Reply to Cassidy (2003), Cummings (2003), Sroufe (2003), and Waters and Beauchaine (2003). *Developmental Psychology*, 39, 423-429.

Frosch, C.A. & Mangelsdorf, S.C. (2001). Marital behavior, parenting behavior, and multiple reports of preschoolers' behavior problems: mediation or moderation? *Developmental Psychology*, 37(4), 502-519.

Ganong, L.H., & Coleman, M. (2004). *Stepfamily relationships: Development, dynamics, and interventions*. New York: Kluwer.

Golombok, S., Tasker, F., & Murray, C. (1997). Children raised in fatherless families from infancy: family relationships and the socioemotional development of children of lesbian and single heterosexual mothers. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 38(7), 783-791.

González, M.M., & Triana, B. (2008). Divorcio, monoparentalidad y nuevos emparejamientos. In M.J. Rodrigo & J. Palácios (Coords.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 373-397). Madrid: Alianza Editorial.

Grolnick, W.S., & Gurland, S.T. (2002). Mothering: Retrospect and prospect. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp. 5-33). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Hansburg, H.G. (1972). *Adolescent separation anxiety: a method for the study of adolescent separation problems*. Springfield, IL: Thomas.

Hartup, W.W. (1996). The company they keep: Friendships and their developmental significance. *Child Development*, 67, 1-13.

Hetherington, E.M. & Clingempeel, G. (Eds.) (1992). *Coping with marital transitions: A family systems perspective*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 57 (2-3, Serial No 227).

Hetherington, E.M. & Kelly, J. (2002). *For better or for worse: Divorce reconsidered*. New York: W.W. Norton & Company.

Hetherington, E.M. (2003). Social support and the adjustment of children in divorced and remarried families. *Childhood*, 10(2), 217-236.

Hetherington, E.M., Bridges, M., & Insabella, G.M. (1998). What matters? What does not? Five perspectives on the association between marital transitions and children's adjustment. *American Psychologist*, 53, 167-184.

Hill, M.M. & Hill, A. (2002). *Investigação por Questionário*. Lisboa: Edições Sílabo.

Howes, C. (1999). Attachment relationships in the context of multiple caregivers. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 671-687). New York: Guilford Press.

Jongenelen, I. M. (2004). *Vinculação em mães adolescentes e seus bebês: da matriz relacional à matriz contextual*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Kaplan, C.A., & Owens, J. (2004). Parental influences on vulnerability and resilience. In M. Hoghughi & N. Long (Eds.), *Handbook of parenting: Theory and research for practice* (pp. 55-71). London: Sage Publications.

Karavasilis, L., Doyle, A. B., & Markiewicz, D. (2003). Associations between parenting style and attachment to mother in middle childhood and adolescence. *International Journal of Behavioral Development*, 27(2), 153–164.

Kerns, K.A., Aspelmeier, J.E., Gentzler, A.L., & Grabill, C. (2001). Parent-child attachment and monitoring in middle childhood. *Journal of Family Psychology*, 15, 69-81.

Kerns, K.A., Schlegelmilch, A., Morgan, T.A., & Abraham, M.M. (2005). Assessing attachment in middle childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.46-70). New York: Guilford Press.

Kerns, K.A., Tomich, P.L., & Kim, P. (2006). Normative trends in children's perceptions of availability and utilization of attachment figures in middle childhood. *Social Development*, 15(1), 1-22.

Kochanska, G., & Aksan, N. (1995). Mother-child mutuality positive affect, the quality of children compliance to requests and prohibitions, and maternal control as correlates of early internalization. *Child Development*, 66, 236-254.

Kockanska, G., & Aksan, N. (2006). Children's conscience and self-regulation. *Journal of Personality*, 74, 1587-1617.

Laurent, H.K., Kim, H.K., & Capaldi, D.M. (2008). Prospective effects of interparental conflict on child attachment security and the moderating role of parents' romantic attachment. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 377-388.

Lewis, M. (2005). The child and its family: the social network model. *Human Development*, 48, 8-27.

Lewis, M., Feiring, C., & Rosenthal, S. (2000). Attachment over time. *Child Development*, 71(3), 707-720.

Lowenstein, L.F. (2010). Attachment theory and parental alienation. *Journal of Divorce & Remarriage*, 51(3), 157-168.

Martins, C., Soares, I., & Grupo de Estudos de Vinculação (2007). Contributos metodológicos para a investigação em vinculação: Métodos e instrumentos de avaliação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 241-286). Braga: Psiquilíbrios.

Marvin, R.S. & Britner, P.A. (1999). Normative development: The ontogeny of attachment. In J. Cassidy & P.R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp.44-67). New York: Guilford Press.

Mayseless, O. (2005). Ontogeny of attachment in middle childhood: Conceptualization of normative changes. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.1-23). New York: Guilford Press.

McHale, J.P., Lauretti, A., Talbot, J., & Pouquette, C. (2002). Retrospect and prospect in the psychological study of coparenting and family group process. In J. McHale & W.S. Grolnick (Eds.), *Retrospect and prospect in the psychological study of families* (pp. 127-165). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Michiels, D., Grietens, H., Onghena, P., & Kuppens, S. (2010). Perceptions of maternal and paternal attachment security in middle childhood: Links with positive parental affection and psychosocial adjustment. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 211-225.

Moss, E., Cyr, C., Bureau, J.F., Tarabulsy, G., & Dubois-Comtois, K. (2005). Stability of attachment between preschool and early school-age and factors contributing to continuity/discontinuity. *Developmental Psychology*, 41, 773-783.

Moura, O., & Matos, P.M. (2008). Vinculação aos pais e conflito inter-parental em adolescentes. *Psicologia*, XXII(1), 127-152.

Muris, P., Meesters, C., Merckelbach, H., & Hülßenbeck, P. (2000). Worry in children is related to perceived parental rearing and attachment. *Behaviour Research and Therapy*, 38, 487-497.

Nicholson, J.M., Fergusson, D.M., & Horwood, L.J. (1999). Effects on latter adjustment of living in a stepfamily during childhood and adolescence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 40, 405-416.

O'Connor, T.G., Dunn, J., & Jenkins, J.M: (2001). Family settings and children's adjustment: Differential adjustment within and across families. *British Journal of Psychiatry*, 179, 110-115.

Owen, M.T., & Cox, M.J. (1997). Marital conflict and the development of infant-parent attachment relationships. *Journal of Family Psychology*, 11(2), 152-164.

Page, T., & Bretherton, I. (2001). Mother- and father-child attachment themes in the story completions of pre-schoolers from post-divorce families: do they predict relationships with peers and teachers? *Attachment & Human Development*, 3(1), 1-29.

Parke, R.D. & Buriel, R. (2006). Socialization in the family: ethnic and ecological perspectives. In W. Damon (Series Ed.) & N. Eisenberg (Vol. Ed.), *Handbook of child psychology: Vol. 3. Social, emotional, and personality development* (6th ed., pp. 429-504). New York: Wiley.

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2000). *Análise de dados para Ciências Sociais. A complementariedade do SPSS* (2ª ed., pp. 360-368). Lisboa: Edições Sílabo Lda.

Poehlmann, J., & Fiese, B.H. (2001). The interaction of maternal and infant vulnerabilities on developing attachment relationships. *Development and Psychopathology*, 13, 1-11.

Raikes, H.A. & Thompson, R.A. (2005). Relationships past, present, and future: Reflections on attachment in middle childhood. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.71-88). New York: Guilford Press.

Resnick, G. (1991). *Attachment and self-representation during early adolescence*. Paper presented as part of the symposium: "Attachment and self-representation during childhood and early adolescence". Biennial Meeting of the Society for Research in Child Development. April 18-20, Seattle, W.A

Resnick, G. (1993). *Measuring attachment in early adolescence: A manual for the administration, coding and interpretation of the Separation Anxiety Test for 11 to 14 Years Old*. Westat, Inc. Rockville, MD. (Manual não publicado)

Richardson, R.A. (2005). Developmental contextual considerations of parent-child attachment in the latter middle childhood years. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.24-45). New York: Guilford Press.

Rios, S. (2006). *As relações de vinculação no período escolar*. Tese de mestrado não publicada. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Roelofs, J., Meesters, C., & Muris, P. (2008). Correlates of self-reported attachment (in)security in children: The role of parental romantic attachment status and rearing behaviors. *J Child Fam Stud*, 17, 555-566.

Ruschena, E., Prior, M., Sanson, A., & Smart, D. (2005). A longitudinal study of adolescent adjustment following family transitions. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 46, 353-363.

Schenck, C.E., Braver, S.L., Wolchik, S.A., Saenz, D., Cookston, J.T., & Fabricius, W.V. (2009). Relations between mattering to step- and non-residential fathers and adolescent mental health. *Fathering*, 7(1), 70-90.

Scher, A., & Mayseless, O. (2000). Mothers of anxious/ambivalent infants: Maternal characteristics and child-care context. *Child Development*, 71(6), 1629-1639.

Shelton, K.H., & Harold, G.T. (2008). Interparental conflict, negative parenting, and children's adjustment: Bridging links between parents' depression and children's psychological distress. *Journal of Family Psychology*, 22(5), 712-724.

Slought, N.M. & Greenberg, M.T. (1990). Five-years olds' representation of separation from parents: Responses from the perspective of self and other. *New Direction for Child Development*, 48, 67-84.

Soares, I. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: mãe-filho(a)*. Centro de Estudos em Educação e Psicologia, Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.

Soares, I. (2001). Vinculação e cuidados maternos. Segurança, protecção e desenvolvimento da regulação emocional. In M.C. Canavarro (Ed.), *Psicologia da gravidez e da maternidade* (pp. 75-104). Coimbra: Quarteto Editora.

Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 13-45). Braga: Psiquilíbrios.

Sroufe, L.A. (2002). From infant attachment to promotion of adolescent autonomy: Prospective, longitudinal data on the role of parents in development. In J.G. Borkowski, S.L. Ramey, & M. Bristol-Power (Eds.), *Parenting and the child's world: Influences on academic, intellectual, and socioemotional development* (pp. 187-202). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Sroufe, L.A., Egeland, B., Carlson E.A., & Collins, W.A. (2005). Placing early attachment experiences in developmental context: The Minnesota Longitudinal Study. In K.E.

Grossmann, K. Grossmann, & E. Waters (Eds.), *Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies* (pp. 48-70). New York: Guilford Press.

Summers, J.A., Boller, K., & Raikes, H. (2004). Preferences and perceptions about getting support expressed by low-income fathers. *Fathering*, 2, 61-82.

Susman-Stillman, A., Kalkoske, M. Egeland, B., & Waldman, I. (1996). Infant temperament and maternal sensitivity as predictors of attachment security. *Infant Behavior and Development*, 19, 33-47.

Taanila, A., Laitinen, E., Moilanen, I., & Järvelin, M.-R. (2002). Effects of family interaction on the child's behavior in single-parent or reconstructed families. *Family Process*, 41(4), 693-708.

Teti, D.M., Gerfand, D.M., Messinger, D., & Isabella, R. (1995). Maternal Depression, and the quality of early attachment: An examination of infants, preschoolers, and their mothers. *Developmental Psychology*, 31, 364-376.

Tippelt, G.G., & König, L. (2007). Attachment representations in 6-year old children from one and two parent families in Germany. *School Psychology International*, 28, 313-330.

van IJzendoorn, M., Goldberg, S., Kroonenberg, P., & Frenkel, O. (1992). The relative effects of maternal and child problems on the quality of attachment: a meta-analysis of attachment in clinical samples. *Child Development*, 63, 840-858.

Vaughn, B., & Bost, K. (1999). Attachment and temperament: Redundant, independent, or interacting influences on interpersonal adaptation and personality development? In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 198-225). New York: Guilford Press.

Verschuere, K. & Marcoen, A. (2005). Perceived security of attachment to mother and father. In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp.71-88). New York: Guilford Press.

Waters, E. & Cummings, E.M. (2000). A secure base from which to explore close relationships. *Child Development*, 71 (1), 164-172.

Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., & Egeland, B. (2000). Attachment from infancy to early adulthood in a high-risk sample: continuity, discontinuity, and their correlates. *Child Development*, 71, 695-702.

Woodward, L.J., Fergusson, D. M. & Belsky, J. (2000). Timing of parental separations and attachment to parents in adolescence: Results from a prospective study from birth to 16 years. *Journal of Marriage and the Family*, 62, 162-174.

Wright, J.C., Binney, V., & Smith, P.K. (1995). Security of attachment in 8 to 12 years old: a revised version of the Separation Anxiety Test, its psychometric properties and clinical interpretation. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 36 (5), 757-774.

Zionts, L.T. (2005). Examining relationships between students and teachers: A potential extension of attachment theory? In K.A. Kerns & R.A. Richardson (Eds.), *Attachment in middle childhood* (pp. 231-254). New York: Guilford Press.

ANEXOS

Anexo 1

Pedido de Consentimento Informado

Pedido de Consentimento Informado aos Pais

O estudo “práticas educativas parentais e qualidade da vinculação em crianças em idade escolar”, conduzido por Sónia Simões (soniasimoes76@gmail.com) insere-se no Programa de Doutoramento em Saúde Mental do Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar da Universidade do Porto, sob a supervisão científica do Prof. Doutor Carlos Farate e da Prof.^a Doutora Isabel Soares.

Estamos a pedir-lhe para participar voluntariamente, em conjunto com o(a) seu (sua) filho(a), neste estudo. Todavia, tem a opção de não participar neste estudo, ou a possibilidade de interromper a sua participação acaso se sinta desconfortável relativamente a algum aspecto da sua participação nesta investigação.

É **objectivo** deste estudo examinar as percepções da qualidade da vinculação e das práticas parentais em famílias de crianças em idade escolar. Com este estudo pretendemos compreender o modo como se relacionam as práticas educativas parentais com os comportamentos de vinculação dos filhos.

A participação neste estudo implica a participação da mãe e seu(sua) filho(a) que frequenta esta escola na recolha de dados, sendo utilizado o mesmo protocolo junto de todos os participantes.

A mãe preencherá um inquérito constituído pelos seguintes instrumentos:

1. Questionário onde são colocadas algumas questões sobre a sua família;
2. Escala de percepção materna do comportamento de vinculação da criança;
3. Escala para avaliar a percepção da mãe relativamente à frequência da ocorrência de determinadas práticas educativas parentais na educação do seu filho;

Após ter lido e assinado o seu consentimento informado, devolvendo-o juntamente com o inquérito a si destinado e já devidamente preenchido, fica finalizada a sua participação. Só neste momento será solicitada a participação do(a) seu (sua) filho(a) nesta investigação, que respeitará rigorosamente as actividades escolares.

A participação do(a) seu(sua) filho(a) (a frequentar o 1º ciclo nesta escola) consistirá na interacção com o investigador, sendo solicitado que, num ambiente lúdico, realize algumas tarefas com o objectivo de: 1) avaliar a qualidade da sua vinculação; 2) e a frequência com que sucedem determinadas práticas educativas parentais.

A sua participação é da maior importância para o sucesso deste projecto de investigação cujo objectivo é aprofundar o conhecimento sobre o modo como se podem aperfeiçoar as práticas educativas parentais, a fim de melhorar a qualidade dos comportamentos de vinculação entre pais e filhos e, deste modo, promover o seu crescimento mais saudável.

Chamamos, enfim, a sua atenção para o facto de que tanto a sua participação como a participação do(a) seu(sua) filho(a) neste estudo são de natureza **confidencial**, sendo, ainda, assegurado o total **anonimato** dos participantes neste estudo, e dada a **garantia de que os dados recolhidos serão apenas utilizados para esta investigação**.

Coimbra, Abril de 2009

Obrigada pela sua colaboração.

Assinatura do Consentimento Informado

Eu, _____

☐ Autorizo/ ☐ Não autorizo a participação do(a) meu (minha) filho(a) neste estudo, que tem como objectivo compreender a relação entre as práticas educativas parentais e os padrões de vinculação das crianças em idade escolar.

_____/_____/_____

(Data e Assinatura do progenitor)

Anexo 2

Questionário Psicossocial

Código Criança:

QUESTIONÁRIO PSICOSSOCIAL

Este questionário faz parte de uma investigação que tem por objectivo principal o estudo de famílias com crianças em idade escolar, pretendendo-se avaliar a percepção das mães e dos seus filhos em idade escolar relativamente às práticas educativas parentais e ao comportamento de vinculação dos filhos.

O questionário contém um conjunto inicial de questões sobre as características do seu agregado familiar.

As questões colocadas reportam-se ao(a) seu(sua) filho(a) que frequenta esta escola do 1º ciclo, sendo apresentadas questões sobre como decorreu a gravidez, assim como sobre o seu estado de saúde, desenvolvimento e comportamento desde o nascimento até à actualidade.

Para a maior parte das questões é suficiente colocar **uma cruz** na quadrícula correspondente à opção de resposta escolhida, de entre aquelas que fazem parte das opções de resposta.

Se não encontrar uma opção de resposta que corresponda à situação do(a) seu(sua) filho(a), escolha aquela que lhe pareça ser a mais aproximada.

Este questionário é **anónimo**, sendo as suas respostas inteiramente **confidenciais**.

AGRADECEMOS A SUA COLABORAÇÃO E SINCERIDADE.

Data: ____/____/____

I. IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS FAMILIARES

1.1 Idade dos pais

Idade do pai _____ anos

Idade da mãe _____ anos

1.2 Situação conjugal actual

- | | |
|---|--------------------------|
| 1. Solteiro(a) | <input type="checkbox"/> |
| 2. Casados - (ano do casamento _____) | <input type="checkbox"/> |
| 3. União de facto - (ano da união _____) | <input type="checkbox"/> |
| 4. Separados - (ano da separação _____) | <input type="checkbox"/> |
| 5. Divorciados - (ano do divórcio _____) | <input type="checkbox"/> |
| 6. viúvo(a) - (ano de falecimento do cônjuge _____) | <input type="checkbox"/> |
| 7. Outra situação. Qual? _____ | <input type="checkbox"/> |

1.3 Nível de escolaridade

- | | Mãe | Pai |
|--|--------------------------|--------------------------|
| 1. Analfabeto (não sabe ler nem escrever) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. 1º Ciclo (1ª - 4ª classe) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. 2º Ciclo (5º - 6º ano) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4. 3º Ciclo (7º - 9º ano) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5. Ensino Secundário (10º - 12º ano) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6. Ensino Superior (Bacharelato ou Licenciatura) | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7. Mestrado | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8. Doutoramento | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

1.4 Situação Profissional

- | | Mãe | Pai |
|-----------------|--------------------------|--------------------------|
| 1. Empregado | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2. Desempregado | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3. Doméstico | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

- 333

Profissão do pai: _____
Profissão da mãe: _____

Número de filhos: _____

Filho 4

Feminino ☐ Masculino ☐

Profissão

[illegible]

Anexo 3

Percepção Materna do Comportamento de Vinculação da Criança

(PEDRO DIAS E ISABEL SOARES, DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - UNIVERSIDADE DO MINHO)

INSTRUÇÕES: ESTE QUESTIONÁRIO PROCURA AVALIAR A SUA OPINIÃO ACERCA DE UM CONJUNTO DE COMPORTAMENTOS QUE O(A) SEU(SUA) FILHO(A) PODE TER APRESENTADO OU APRESENTA NA RELAÇÃO QUE ESTABELECE COM OS PAIS. A MAIOR PARTE DAS AFIRMAÇÕES REFEREM-SE A COMPORTAMENTOS QUE A CRIANÇA PODE APRESENTAR COM A MÃE E COM O PAI, OU ENTÃO APENAS COM UM DELES. RELATIVAMENTE A CADA UMA DAS AFIRMAÇÕES FEITAS ABAIXO, COLOQUE UMA CRUZ NO NÚMERO QUE MELHOR CORRESPONDA À FORMA COMO O(A) SEU (SUA) FILHO(A) SE TEM COMPORTADO NOS ÚLTIMOS 6 MESES:

- 1= totalmente diferente do(a) meu/minha filho(a)
 2= um pouco diferente do(a) meu/minha filho(a)
 3= nem parecido nem diferente do(a) meu/minha filho(a)
 4= um pouco parecido com o(a) meu/minha filho(a)
 5= totalmente parecido com o(a) meu/minha filho(a)

1	O meu filho(a) gosta que o(a) deixemos sozinho(a) quando está com problemas (triste, chateado, etc.).	1	2	3	4	5
2	Quando confrontado com uma situação de dificuldade, o meu filho(a) procura ajuda junto de nós, se tal for necessário.	1	2	3	4	5
3	O meu filho(a) informa-nos de problemas que teve fora de casa (p.ex., na escola, se magoa ou se zanga com um colega).	1	2	3	4	5
4	O meu filho(a) comporta-se sempre bem.	1	2	3	4	5
5	Quando o meu filho(a) aprende algo de novo, mostra-se curioso(a) por aprender mais acerca desse assunto (p.ex., fazendo-nos perguntas).	1	2	3	4	5
6	Quando o meu filho(a) teve que ficar separado(a) de nós durante uma noite, ele(a) ignorou a nossa presença quando nos reencontrámos.	1	2	3	4	5
7	O meu filho(a) confia-nos situações em que fica só ou é excluído pelos outros.	1	2	3	4	5
8	O meu filho(a) grita-nos com raiva.	1	2	3	4	5
9	O meu filho(a) fala connosco acerca de preocupações que tem sobre o relacionamento dele(a) com outras pessoas (p.ex. amigos ou adultos).	1	2	3	4	5
10	O meu filho(a) nunca nos desobedeceu.	1	2	3	4	5
11	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) mostrou-se agressivo(a) quando nos reencontrámos.	1	2	3	4	5
12	Depois de apanhar um susto ou de estar aflito(a), o meu filho(a) acalma-se depressa tendo contacto físico comigo.	1	2	3	4	5
13	O meu filho(a) nunca fez nada que merecesse um castigo.	1	2	3	4	5
14	O meu filho(a) fica zangado connosco durante muito tempo.	1	2	3	4	5
15	O meu filho(a) nunca fez birras.	1	2	3	4	5
16	Ao voltar para casa após os primeiros dias de aulas, o meu filho(a) deu atenção aos brinquedos ou à televisão, procurando evitar falar connosco.	1	2	3	4	5
17	O meu filho(a) gosta de nos contar as coisas boas que aconteceram com ele(a).	1	2	3	4	5
18	O meu filho(a) respeita as nossas restrições relacionadas com a sua segurança (p.ex., não se afasta de casa mais do que o permitido).	1	2	3	4	5
19	O meu filho(a) é frio e indiferente em relação a nós.	1	2	3	4	5
20	O meu filho(a) nunca fez nada que me deixasse um pouco irritada.	1	2	3	4	5
21	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) procurou humilhar-nos ou punir-nos, quando nos reencontrámos.	1	2	3	4	5
22	O meu filho(a) procura saber a nossa opinião quando consegue fazer alguma coisa pela primeira vez, no sentido de obter a nossa aprovação.	1	2	3	4	5
23	O meu filho(a) diz coisas para nos magoar.	1	2	3	4	5
24	O meu filho(a) conta-nos situações de perigo e possibilidades de acidentes que viveu fora de casa.	1	2	3	4	5
25	O meu filho(a) ameaça portar-se mal.	1	2	3	4	5
26	O meu filho(a) procura-nos quando está ferido(a) ou magoado(a).	1	2	3	4	5
27	O meu filho(a) pede-nos ajuda quando está aflito(a) ou tem problemas.	1	2	3	4	5
28	O meu filho(a) diz sempre a verdade.	1	2	3	4	5
29	O meu filho(a) esconde-nos erros e acidentes que viveu, com medo que não gostemos mais dele(a).	1	2	3	4	5
30	Após o primeiro dia de aulas, o meu filho(a), ao chegar a casa, quis logo contar-nos como correu o dia.	1	2	3	4	5
31	O meu filho(a) segue os conselhos que nós lhe damos, com base nas nossas próprias experiências, em assuntos de segurança e risco.	1	2	3	4	5
32	O meu filho(a) está sempre alegre.	1	2	3	4	5
33	O meu filho(a) ameaça magoar-se ou ficar ferido em actividades arriscadas.	1	2	3	4	5

Anexo 4

Separation Anxiety Test

Separation Anxiety Test

Placas com imagens das seguintes situações:

- 0) Os pais vão sair e deixam o(a) menino(a) sozinho(a) em casa;
- 1) Os pais vão viajar durante duas semanas e deixam o(a) menino(a) com a tia;
- 2) O(A) menino(a) vai para uma nova escola;
- 3) A família está a mudar de casa para um novo sítio;
- 4) O(A) menino(a) irá viver para sempre com os avós, sem os pais;
- 5) O(A) menino(a) está a fugir de casa;
- 6) A mãe vai de ambulância para o hospital;
- 7) O(A) menino(a) vai numa visita de estudo durante duas semanas;
- 8) O pai está a sair para o trabalho e deixa o(a) menino(a) sozinho(a);
- 9) A mãe vai às compras e o(a) menino(a) fica sozinho(a) em casa;
- 10) O pai saiu do quarto e o(a) menino(a) vai dormir.

Procedimento de aplicação:

“Esta tarefa quer saber como é que as crianças se sentem em relação aos pais e à vida familiar em geral. Tenho várias imagens que mostram um(a) menino(a) mais ou menos da tua idade, em diferentes situações que acontecem muitas vezes em várias famílias. Talvez estas situações tenham acontecido contigo ou talvez não. Independentemente de terem acontecido contigo ou não, gostaria que me dissesses como é que o(a) menino(a) na imagem se sente e o que é que ele(a) fará a seguir. Isto não é um teste, portanto não há respostas certas nem erradas. Eu quero a tua opinião acerca do(a) menino(a) na imagem.”

APÊNDICES

Apêndice A

Caracterização da amostra

Características demográficas da Criança

Gênero		
Feminino	84	50.0
Masculino	84	50.0
Ano de Escolaridade		
3º ano	30	17.9
4º ano	138	82.1
Repetição ano		
Sim	22	13.1
Não	146	86.9
Posição na Família		
Filho único	72	43.4
Filho mais velho	38	22.9
Filho mais novo	47	28.3
Filho do meio	9	5.4
Idade		
8 anos	32	19.0
9 anos	82	48.8
10 anos	48	28.6
11 anos	6	3.6

Características demográficas da Família

Tipo de Família		
Nuclear	56	33.3
Monoparental	56	33.3
Reconstituída	56	33.3
Agregado Familiar		
Pai/Mãe/Filho	51	30.4
Mãe/Filho	48	28.6
Mãe/Padrasto/Filho	54	32.1
Outros	15	8.9
Meio		
Urbano	82	48.8
Rural	86	51.2

Características demográficas da Mãe

Escolaridade		
1º ciclo	12	7.1
2º ciclo	21	12.5
3º ciclo	41	24.4
Ensino Secundário	46	27.4
Ensino Superior	43	25.6
Mestrado	3	1.8
Doutoramento	2	1.2
Situação Profissional		
Empregada	130	77.4
Desempregada	22	13.1
Doméstica	6	3.6
Trabalhadora-estudante	5	3.0
Estudante	5	3.0

Características demográficas do Pai

Escolaridade		
Analfabeto	3	2.1
1º ciclo	15	10.3
2º ciclo	18	12.4
3º ciclo	38	26.2
Ensino Secundário	41	28.3
Ensino Superior	27	18.6
Doutoramento	3	2.1
Situação Profissional		
Empregado	120	88.2
Desempregado	10	7.4
Reformado/Pensionista	2	1.5
Trabalhador-estudante	3	2.2
Estudante	1	0.7

Apêndice B

Caracterização da amostra por tipo de família

Variáveis sociodemográficas por tipo de família

	Famílias Nucleares (n=56)		Famílias Monoparentais (n=56)		Famílias Reconstituídas (n=56)	
	N	%	n	%	n	%
Gênero						
Feminino	31	55,4	30	53,6	23	58,9
Masculino	25	44,6	26	46,4	33	41,1
Idade						
8 anos	6	10,7	6	10,7	20	35,7
9 anos	29	51,8	31	55,4	22	39,3
10 anos	19	33,9	16	28,6	13	23,2
11 anos	2	3,6	3	5,4	1	1,8
Ano de escolaridade						
3º ano	4	7,1	3	5,4	23	41,1
4º ano	52	92,9	53	94,6	33	58,9
Número irmãos						
0 irmãos	24	42,9	29	51,8	19	33,9
1 irmão	26	46,4	19	33,9	27	48,2
2 a 5 irmãos	6	10,7	8	14,3	10	17,9
Posição fratria						
Filho único	24	42,9	29	53,7	19	33,9
Filho mais velho	14	25,0	6	11,1	18	32,1
Filho mais novo	16	28,6	16	29,6	15	26,8
Filho do meio	2	3,6	3	5,6	4	7,1
Gêmeo	---	---	---	---	--	--
Zona de residência						
Rural	30	53,6	29	51,8	27	48,2
Urbana	26	46,4	27	48,2	29	51,8

Apêndice C

Consistência interna do PCV-M

Consistência interna do PCV-M (escala global)

Nº Item	Itens	Média	DP	Correlação item/total	Alpha s/ item
1*	O meu filho(a) gosta que o(a) deixemos sozinho(a) quando está com problemas (triste, chateado, etc.).	3,46	1,500	,318	,863
2	Quando confrontado com uma situação de dificuldade, o meu filho(a) procura ajuda junto de nós, se tal for necessário.	4,55	,8159	,378	,861
3	O meu filho(a) informa-nos de problemas que teve fora de casa.	4,36	1,040	,391	,860
4	O meu filho(a) comporta-se sempre bem.	3,36	1,154	,359	,861
5	Quando o meu filho(a) aprende algo de novo, mostra-se curioso(a)	4,42	,9106	,419	,860
6*	Quando o meu filho(a) teve que ficar separado(a) de nós durante uma noite, ele(a) ignorou a nossa presença quando.	4,43	1,047	,309	,862
7	O meu filho(a) confia-nos situações em que fica só...	3,74	1,429	,315	,863
8*	O meu filho(a) grita-nos com raiva.	3,91	1,423	,355	,861
9	O meu filho(a) fala connosco acerca de preocupações...	4,10	1,023	,565	,856
10	O meu filho(a) nunca nos desobedeceu.	2,60	1,214	,328	,862
11*	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) mostrou-se agressivo(a) quando nos reencontrámos.	4,43	1,168	,232	,864
12	Depois de apanhar um susto ou de estar aflito(a), o meu filho(a) acalma-se depressa tendo contacto físico comigo.	4,31	1,064	,376	,860
13	O meu filho(a) nunca fez nada que merecesse um castigo.	2,52	1,354	,383	,860
14*	O meu filho(a) fica zangado connosco durante muito tempo.	4,35	1,094	,263	,863
15	O meu filho(a) nunca fez birras.	2,50	1,311	,402	,860
16*	Ao voltar para casa após os 1 ^{os} dias de aulas, o meu filho(a) deu atenção aos brinquedos (...) procurando evitar falar connosco.	4,39	1,060	,437	,859
17	O meu filho(a) gosta de nos contar as coisas boas...	4,45	1,000	,491	,858
18	O meu filho(a) respeita as nossas restrições relacionadas com a sua segurança.	4,37	,958	,398	,860
19*	O meu filho(a) é frio e indiferente em relação a nós.	4,52	1,096	,325	,862
20	O meu filho(a) nunca fez nada que me deixasse um pouco irritada.	2,33	1,185	,217	,864
21*	Após uma situação em que esteve separado de nós, o meu filho(a) procurou humilhar-nos ou punir-nos...	4,61	,934	,293	,862
22	O meu filho(a) procura saber a nossa opinião quando consegue fazer alguma coisa pela primeira vez...	4,24	,968	,436	,859
23*	O meu filho(a) diz coisas para nos magoar.	4,14	1,233	,392	,860
24	O meu filho(a) conta-nos situações de perigo e ...	4,12	1,092	,471	,858
25*	O meu filho(a) ameaça portar-se mal.	4,23	1,181	,506	,857
26	O meu filho(a) procura-nos quando está ferido(a)...	4,65	,749	,470	,859
27	O meu filho(a) pede-nos ajuda quando está aflito(a)...	4,69	,630	,489	,860
28	O meu filho(a) diz sempre a verdade.	3,58	1,130	,467	,858
29*	O meu filho(a) esconde-nos erros e acidentes que viveu, com medo que não gostemos mais dele(a).	3,84	1,390	,273	,864
30	Após o primeiro dia de aulas, o meu filho(a), ao chegar a casa, quis logo contar-nos como correu o dia.	4,33	1,107	,525	,857
31	O meu filho(a) segue os conselhos que nós lhe damos...	4,23	,964	,494	,858
32	O meu filho(a) está sempre alegre.	3,95	,920	,304	,862
33*	O meu filho(a) ameaça magoar-se ou ficar ferido em...	4,44	1,024	,315	,862

* Itens invertidos

Apêndice D

Correlação entre as escalas do PCV-M, por tipo de família

Correlação entre as subescalas do PCV-M por tipo de família

	CBS	PA	DS	Global
Famílias Nucleares				
Dificuldades auto-regulação emocional	.470**	.274*	.011	.711**
Comportamento base-segura	--	.734**	.417**	.854**
Partilha de afecto	--	--	.445**	.777**
Desejabilidade social	--	--	--	.572**
Famílias Monoparentais				
Dificuldades auto-regulação emocional	.374**	.390**	.370**	.758**
Comportamento base-segura	--	.640**	.450**	.749**
Partilha de afecto	--	--	.409**	.777**
Desejabilidade social	--	--	--	.743**
Famílias Reconstituídas				
Dificuldades auto-regulação emocional	.400**	.341*	.145	.747**
Comportamento base-segura	--	.773**	.247	.782**
Partilha de afecto	.773**	--	.240	.760**
Desejabilidade social	.247	.240	--	.562**

**Correlação com significado ao nível 0,01.

*Correlação com significado ao nível 0,05.

Apêndice E

Distribuição dos sub-padrões do SAT, por tipo de família

Distribuição dos sub-padrões do SAT, por tipo de família

	Família Nuclear	Família Monoparental	Família Reconstituída	χ^2	<u>p</u>
	(<u>n</u> = 56)	(<u>n</u> = 56)	(<u>n</u> = 56)		
Classificação "F1"	8	5	8	10.971	.811
Classificação "F2"	22	18	21		
Classificação "F3"	6	14	5		
Classificação "F4"	8	6	6		
Classificação "F5"	1	1	2		
Classificação "DS1"	4	3	6		
Classificação "DS3"	5	7	5		
Classificação "E1"	0	1	1		
Classificação "E2"	2	1	2		